

André Torres de Lima

**INVESTIGAÇÃO DE TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM JUDOCAS
BRASILEIROS DE ALTO RENDIMENTO PERTENCENTES ÀS
CATEGORIAS DE BASE**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2017

André Torres de Lima

**INVESTIGAÇÃO DE TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM JUDOCAS
BRASILEIROS DE ALTO RENDIMENTO PERTENCENTES ÀS CATEGORIAS DE
BASE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Ciências do Esporte da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências do Esporte.

Área de concentração: Treinamento Esportivo
Linha de pesquisa: Psicologia do Esporte e Neurociências Aplicadas ao Comportamento Humano

Orientador: Prof. Dr. Franco Noce
Co-orientadora: Prof. Dra. Andre Duarte Pesca

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2017

L732i Lima, André Torres de
2017 Investição de traços de personalidade em judocas brasileiros de alto rendimento pertencentes às categorias de base. [manuscrito] / André Torres de Lima – 2017.
77 f., enc.: il.

Orientador: Franco Noce
Coorientador: Andrea Duarte Pesca

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 53-61

1. Exercícios físicos – Aspectos psicológicos – Teses. 2. Judô – Atletas – Teses. I. Noce, Franco. II. Pesca, Andrea Duarte. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 612:796

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6 – n° 3132 da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

André Torres de Lima

Às **10:00 horas** do **dia 30 de outubro de 2017**, reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho intitulado "**Investigação de traços de personalidade em judocas brasileiros de alto rendimento pertencentes às categorias de base**". Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Franco Noce (EEFFTO/UFMG) orientador, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
PROF. DR. FRANCO NOCE (ORIENTADOR) - EEFFTO/UFMG	X	
PROF. DRA. ANDRÉA DUARTE PESCA (CO-ORIENTADORA) - CESUSC	X	
PROFA. DRA. MARCELA MANSUR ALVES - FAFICH/UFMG	X	
PROF. DR. ANTÔNIO FERNANDO BOLETO ROSADO - UTL	X	

*Como o Prof^o. Antônio Fernando Boleto Rosado participou da Banca à distância, o Prof. Dr. Franco Noce, orientador e presidente da comissão assinará a ata em nome da mesma e terá validade de 60 dias. Procedimento aprovado pelo colegiado de Pós-Graduação em Ciências do Esporte.

Após as indicações o candidato foi considerado: Aprovado

O **resultado final** foi comunicado publicamente para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 30 de outubro de 2017.

Prof. Dr. Franco Noce (Orientador) - EEFFTO/UFMG

Profa. Dra. Andréia Duarte Pesca (Co-orientadora) - CESUSC

Profa. Dra. Marcela Mansur Alves - FAFICH/UFMG

Prof. Dr. Antônio Fernando Boleto Rosado - UTL

Dedico o presente trabalho a todos que buscam uma melhora contínua de si, saindo de suas cidades, estados e países para se tornarem melhores profissionais, melhores pessoas. E a todos que se dedicam ao crescimento, com perseverança e ética, na área da Psicologia do Esporte.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família, pois não seria nada sem ela. Mônica, Maurício, Janaína, Caio, Clara, Luíza e Lucas, vocês são saudades constantes e parte de mim em Natal. Obrigado pelo apoio e pela torcida desde que saí da terrinha em busca de mais desenvolvimento. À família Olivieri de Lima/Lago e a família Rosa Torres, meu muito obrigado. A Coquinho e Maria Inês, minha família de BH, muito obrigado pela acolhida no momento que mais precisei. Espero estar sempre perto de vocês. Aos amigos que fiz no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte, que fizeram dessa caminhada um pouco menos sofrida e mais prazerosa: Giovanna, João Gabriel, Adriano, Felipe Shang, Gabi Cangussú, Bruno, Pedrão e muitos outros que espero perdoarem a memória fraca e já cansada. Agradeço também aos amigos do LAPES – Laboratório de Psicologia do Esporte: Thiago, Daniella, Vinícius, Camila, Tatiana, Darlan e Hebert. Aos amigos da UFMG, Vinícius, Nayla, Arthur, Zardini, Gabriel, Talita e Alessandra Assumpção, muito obrigado.

Em especial ao meu grande amigo Matheus, que talvez seja o fisioterapeuta que mais sabe sobre personalidade no esporte (e estatística) na UFMG. Companheiro desde os estudos para o processo seletivo, me ajudou de uma forma que somente uma coautoria poderia fazer jus ao seu envolvimento no processo. Você vai longe, meu amigo, e espero estar por perto durante toda essa caminhada.

Aos amigos da clínica Moove, muito obrigado pela paciência e pela torcida. Em especial a Gustavo, pela parceria desde o contato com a CBJ à minha entrada na clínica. Vamos em frente!

Aos meus amigos de Natal: Rafael, Joatã, Suzane, Segundo, Caio, Vitor, Diego, Stefano, Alexandra, Mariana, Camila, Nicolas, Geísa, BH, Nyêr, Teles, Gustavo Nobre, Gustavo Martins, Victor, Vinicius, Klênyo. Saudade de vocês é grande! Aos amigos que fiz ou me aproximei nesses quase 3 anos em Belo Horizonte: Larissa, Felipe, Gustavo, Gustavo Kamei, Fernanda, Gabi. Desculpem-me os que esqueci. A memória é pequena, mas o coração é gigante.

Aos professores que fizeram diferença desde que comecei a estudar Psicologia até agora, nesse encerramento do mestrado:

Professor Franco, obrigado pela oportunidade em fazer esse mestrado com você no programa, e por todas as portas que foram abertas a partir disso: contato com outros professores nacionais e estrangeiros, cursos, capacitações. Sou muito grato a você por isso.

Professora Andrea e Professora Camila, vocês são talvez as que mais me influenciaram e continuam a influenciar hoje. Sou um profissional mais capacitado, ético e atencioso por causa de vocês. Não teria começado a estudar sobre Psicologia do Esporte e ter tido a coragem de sair de Natal até Belo Horizonte se não fosse o apoio incondicional de vocês. MUITÍSSIMO OBRIGADO!

Aos professores da UFRN por quem eu tenho um imenso carinho: Professor Pedro, Professora Tatiana, Professor Jorge, Professora Izabel, Professor Pinheiro. Obrigado!

Aos meus atletas e pacientes, os quais se abrem diariamente para a psicologia e confiam em mim para que façamos um lindo trabalho. Aprendo muito com vocês e quero vê-los alcançar todos os objetivos que quiserem. O sucesso de vocês é a minha alegria, sempre.

Ao PPGCE e aos professores, que me ensinaram a importância de estudar o esporte para ser um profissional melhor.

A Confederação Brasileira de Judô por terem aceitado o pedido de coleta e me acolhido nesses dias de coleta.

Por fim, por todos os colegas profissionais da Psicologia do Esporte: Marisa, Camila, Carol e tantos outros. Somos o presente e o futuro da área, caminhemos com o peito aberto e com a consciência que, ao sermos éticos e profissionais, a razão estará sempre ao nosso lado. Psicologia para psicólogos!

*"If I have seen further, it is by standing
on the shoulders of giants."*

Sir Isaac Newton

RESUMO

O esporte de rendimento é marcado por uma busca de contínua melhora, sempre colocando o atleta à amostra, levando-o aos seus limites para conseguir seus objetivos. Contudo, é importante levarmos em consideração a individualidade de cada atleta, e entender que não existe uma única forma de trabalhar e orientá-lo ao auge do seu desempenho esportivo. Diante da importância em conhecer as características de personalidade mais predominantes em atletas, uma vez que essa descrição auxilia uma abordagem otimizada a eles, pelo psicólogo do esporte junto à comissão técnica, o presente trabalho objetivou a investigação de traços de personalidade em judocas brasileiros de alto rendimento pertencentes às categorias de base. A amostra foi formada por atletas brasileiros de alto nível da categoria de base, de sete categorias de peso (superligeiro, ligeiro, meio leve, leve, meio médio, médio, meio pesado, pesado), masculino e feminino. Para coleta de dados foram utilizados o Questionário Sócio demográfico (perfil da amostra) e a Bateria Fatorial de Personalidade (para análise dos traços de personalidade). Como resultados da pesquisa, foram encontradas diferenças significativas para o fator Abertura e as facetas Comunicação, Altivez e Liberalismo, quando comparamos a média das atletas com a média da população feminina. Também foram encontradas diferenças significativas para os fatores Realização e Abertura, e as facetas Vulnerabilidade, Comunicação, Pró-Sociabilidade, Competência, Empenho/Comprometimento, Abertura a Ideias, Liberalismo e Busca por Novidades, quando comparamos a média dos atletas e a média da população masculina. É possível apontar que os valores e a cultura presentes no judô, de origem nipônica, podem influenciar no desenvolvimento de atletas da modalidade, exigindo menos adaptabilidade para aqueles que compartilham dos valores da modalidade.

Palavras-chave: Personalidade. Judô. Cinco grandes fatores. Psicologia do esporte.

ABSTRACT

High level sports are marked by a continuous quest for improvement, always putting the athlete to the test, taking him to his limits to conquer his objectives. Although, it is important to take in consideration the individuality of each athlete, and understand that there is not only one way to work and orient this athlete to his highest performance. Understanding the importance of knowing the personality characteristics most predominant in athletes, once this description helps a optimized approach to the athletes, by the sport psychologist and staff, the present research had the objective to investigate the personality traits of high level Brazilian judokas that belong to the base categories. The sample was formed by high level Brazilian judokas that belong to the base categories, from seven weight classes, men and women. To the collection of data, the *Questionário Sócio demográfico* (sample profile) and the *Bateria Fatorial de Personalidade* (to analyze personality traits) were used. As results of the research, significant differences were found on the Openness factor, and the *Comunicação, Ativez* and *Liberalismo* facets, when compared the medians for the women of the sample and the population. There were also significant differences for the Conscientiousness and Openness factors, and the *Vulnerabilidade, Comunicação, Pró-Sociabilidade, Competência, Empenho/Comprometimento, Abertura a Ideias, Liberalismo and Busca por Novidades* facets when compared the medians for the men of the sample and the population. It is possible to appoint that values and the culture present in Judo, of Japanese origins, may influence on the development of athletes in the modality, requiring less adaptability to those who share the same values as the ones cultured in Judo.

Keywords: Personality. Judo. Big five. Sport psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Representação do sistema de personalidade baseado no modelo teórico proposto para os cinco grandes fatores	24
---	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Estatística descritiva das variáveis sociodemográficas.....	39
TABELA 2: Comparação das médias amostral e populacional do gênero feminino (teste <i>t</i> de amostra única)	40
TABELA 3: Comparação das médias amostral e populacional do gênero masculino (teste <i>t</i> de amostra única)	41
TABELA 4: Comparação dos fatores por gêneros (teste <i>t</i> de amostras independentes)	42

LISTA DE SIGLAS

BFP – Bateria Fatorial de Personalidade

CBJ – Confederação Brasileira de Judô

CGF – Cinco Grandes Fatores

COEP – Comitê em Ética e Pesquisa

d – Tamanho de Efeito

IJF – *International Judo Federation* (Federação Internacional de Judô)

p – Probabilidade de Significância

t – Valor referente ao teste t de *Student*

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivo geral.....	20
1.2 Objetivos específicos.....	20
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 Modelos teóricos de personalidade no esporte.....	21
2.2 Mensuração das características de personalidade no esporte.....	25
2.3 Judô.....	27
3 MATERIAIS E MÉTODOS	29
3.1 Caracterização do Estudo.....	29
3.2 Cuidados éticos:.....	29
3.3 Amostra:.....	29
3.4 Instrumentos:.....	31
3.4.1 Questionário sociodemográfico:.....	31
3.4.2 Bateria Fatorial de Personalidade (BFP):.....	32
3.5 Procedimentos de coleta:.....	36
3.6 Análise Estatística.....	37
4 RESULTADOS	39
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	43
6 CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE	68

1 INTRODUÇÃO

Pessoas são notavelmente diferentes quanto às suas habilidades de atuar sob eventos estressores ou sob circunstâncias desafiadoras (ALLEN, LABORDE, 2014). Frequentemente nos perguntamos o porquê de uma pessoa ser ou agir de uma certa forma, enquanto outra que vive no mesmo ambiente, teve os mesmos pais, e às vezes pensa tão diferente. Dentro da psicologia, tanto aquilo que difere, como o que assemelha às pessoas, compõem o que é conhecido como personalidade. Assim como as diferenças individuais, a personalidade diz respeito àquilo que é geralmente verdadeiro das pessoas, a natureza humana (PERVIN, JOHN, 2004). Personalidade é um termo “guarda-chuva” que inclui toda psicologia (MOKHTARI, HAGHI, 2014), apresentando diversos conceitos, como o de Weinberg e Gould (2008), que a caracteriza como “a soma das características que tornam uma pessoa única” (p.46), ou o de Rabelo (2013), que a define como um padrão de características inter-relacionadas, constante e não consciente.

Existem teorias que conceituam e trabalham a personalidade de formas distintas, como a teoria psicodinâmica. Propulsionada por Sigmund Freud, mas também desenvolvida por Alfred Adler e Carl Jung, destaca determinantes inconscientes do comportamento, desconsiderando o ambiente e entendendo a pessoa como um todo (SAMULSKI, 2009), e que o comportamento é resultado de lutas e concessões entre motivos, pulsões, necessidades e conflitos (PERVIN, JOHN, 2004). De outro lado, há a teoria fenomenológica, criada a partir da experiência terapêutica de Carl Rogers, que enfatiza por que as pessoas podem e devem ser compreendidas com relação à maneira como veem a si mesmas e o mundo ao seu redor (PERVIN, JOHN, 2004).

Contudo, uma das teorias que está mais presente na literatura internacional sobre personalidade em diferentes contextos é a dos traços. Tendo Gordon Allport, Hans Eysenck e Raymond Cattell como seus primeiros autores, essa teoria defende que a personalidade é composta por traços, conceituados como diferenças individuais estáveis e consistentes em tendências em mostrar relativos padrões consistentes de pensamentos, emoções e ações (MCCRAE *et al.*, 2000).

Com o objetivo de evitar uma variabilidade de termos e ideologias, e buscar uma uniformidade na categorização da personalidade, pesquisadores vêm definindo morfologias específicas da área, como o sistema de quatro temperamentos de Hipócrates (MOKHTARI, HAGHI, 2014). Na década de 30, McDougall (1932) é um dos primeiros estudiosos a propor que a personalidade fosse analisada amplamente em cinco distinguíveis, porém separáveis, fatores. Essa ideia é maturada e replicada décadas depois por Tupes e Christal (1967), que, ao combinar sinônimos e observar as correlações entre agrupamentos traço-termo, afirmam que é possível encontrar cinco fatores amplos que abordem os traços na linguagem natural.

Esses fatores léxicos compõem o difundido Modelo Teórico dos Cinco Grandes Fatores (CGF). Na literatura internacional, usa-se o acrônimo (em sua língua original inglesa) O.C.E.A.N. para referir-se às cinco dimensões básicas: *Openness* (Abertura), *Conscientiousness* (Conscienciosidade), *Extroversion* (Extroversão), *Agreeableness* (Amabilidade) e *Neuroticism* (Neuroticismo) (MCCRAE, JOHN, 1992; RABELO, 2013). Dentro desse modelo hierárquico, dependendo da tradução, algumas palavras podem ser traduzidas para um termo semelhante, porém não igual ao original. Esse é o caso das dimensões *Agreeableness* e *Conscientiousness*, que em suas traduções para alguns instrumentos em português (usado no Brasil) são chamadas de Socialização e Realização (NUNES, HUTZ, NUNES, 2014), ou Cordialidade e Responsabilidade, respectivamente (MCCRAE, 2004).

Nessa perspectiva, o Neuroticismo remete-se à tendência a ser emocionalmente instável, ansioso, passivo e vulnerável; a Extroversão refere-se à comunicatividade, assertividade, a o quanto a pessoa tende a ser dinâmica, energética, e de interagir socialmente; o fator Abertura engloba o interesse por novas ideias, comportamento exploratório, criatividade, ser reflexivo e liberal; a Socialização remete-se à tendência em ser gentil, cooperativo, altruísta, confiável e generoso; e a Realização aborda a tendência a ser organizado, disciplinado, perseverante, ambicioso (MCCRAE, COSTA, 1999; RHODES, SMITH, 2006; RABELO, 2013). Traços não são estruturas rígidas, mas tendências comportamentais, variando quanto à expressividade de cada traço para cada indivíduo (ex.: altos níveis de extroversão).

Esse modelo, geralmente, é medido em dois níveis, onde o nível inferior contempla os traços estreitos e bastante específicos (também chamados de facetas); e no superior

estão os fatores amplos (chamados também de dimensões) (MCCRAE, 2004). Dependendo da estrutura do instrumento, é comum que os escores das características estreitas componham o escore dos fatores, dando informações mais específicas quanto aos traços do respondente.

Contudo, uma das grandes dúvidas quanto aos traços refere-se à sua estabilidade. Em uma revisão quantitativa de estudos longitudinais, Roberts e Del Vecchio (2000) encontraram um aumento gradual da consistência do traço desde a infância, passando pela adolescência e vida adulta, chegando a um platô 50-60 anos, corroborando com a ideia que os primeiros anos de vida (0 – 2,9 anos) podem ser muito instáveis para sustentar padrões de traços, apresentando o menor valor ($p = 0,35$) de consistência de traço (relação entre tamanho da amostra e tamanho do efeito). Contudo, esse valor aumenta de forma gradual, tendo um pequeno decréscimo entre a segunda (3 - 5,9 anos) e a terceira (6 - 11,9 anos) faixa etária, porém aumentando novamente nas faixas subsequentes.

Outro questionamento se relaciona às diferenças de traços entre homens e mulheres. É importante salientar que, apesar de serem usadas as mesmas dimensões para caracterizar a personalidade de cada gênero, existem diferenças nos níveis de expressividade de certas características. Em uma meta-análise de Feingold (1994) foram encontrados indícios de que homens têm uma tendência a serem mais assertivos e possuir uma percepção levemente maior de autoestima que mulheres (relacionado ao fator Extroversão), as quais apresentaram valores mais altos em extroversão, ansiedade (relacionado ao fator Neuroticismo), confiança e mais compassividade (ambos relacionados ao fator Socialização). Um estudo com mais de 20 mil pessoas de 26 culturas diferentes encontrou resultados semelhantes, que concordam com muitos estereótipos de gênero: mulheres reportaram níveis mais elevados de neuroticismo, amabilidade, cordialidade e abertura aos sentimentos (presentes no fator Socialização), enquanto homens mostraram níveis mais elevados de assertividade e abertura a ideias (COSTA, TERRACCIANO, MCCRAE, 2001). Devido à estabilidade dos traços, essas diferenças se perduram da adolescência até a idade adulta, onde mulheres continuam a apresentar níveis mais elevados de neuroticismo e amabilidade, mesmo quando idosas (CHAPMAN, *et al.*, 2007).

Além das diferenças entre gêneros, já foram realizados também estudos a respeito dessas diferenças em contextos diversos, como o educacional (POROPAT, 2009; KOMARRAJU, KARAU, SCHMECK, 2009), populações clínicas (WALITZER, DEARING, 2013; MROCZKOWSKI *et al.*, 2015) e até sobre hábitos que interferem no desenvolvimento de traços (ALLEN, VELLA, LABORDE, 2015). Dentre esses, o esporte representa um contexto competitivo em que alguns traços de personalidade se relacionam com altos níveis de sucesso (ALLEN, LABORDE, 2014), sugerindo que o modelo dos CGF pode apresentar utilidade em prever fatores psicossociais, como motivação em atletas (TRNINIĆ, BARANČIĆ, NAZOR, 2008), e de sucesso e comportamento no esporte (AIDMAN, 2007; ALLEN, GREENLEES, JONES, 2013).

Piedmont, Hill e Blanco (1999) encontraram que escores elevados de Realização e baixos escores de neuroticismo explicaram até 23% da variância na predição de desempenho desportivo; dados esses que corroboram com o estudo de Gould, Dieffenbach e Moffett (2002), os quais encontraram em atletas olímpicos índices semelhantes de expressividade em características como: habilidade para controlar ansiedade e otimismo (relacionados à dimensão Neuroticismo); autoconfiança, comprometimento, empenho, estabelecimento e cumprimento de metas (relacionados à Realização); além de serem mais treináveis (*coachability*) (possivelmente relacionado com o fator Abertura). Atletas apresentam, consistentemente, níveis mais elevados de Abertura (KAJTNA, *et al.*, 2004) e extroversão (SHARIATI, BAKHTIARI, 2011; TOMCZACK, *et al.*, 2013), além de níveis mais baixos de instabilidade emocional (MCKELVIE, LEMIEUX, STOUT, 2003) quando comparados a não atletas.

Bara Filho, Ribeiro e García (2005a; 2005b) avaliaram as características da personalidade de atletas brasileiros de alto rendimento, comparando as semelhanças e diferenças existentes entre indivíduos de ambos os sexos, assim como estabeleceu correlações entre as variáveis psicológicas, níveis de desempenho esportivo e tempo de treinamento dos atletas. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis de auto Realização, agressividade, inibição, irritabilidade, queixas físicas e emotividade ao se comparar o sexo dos atletas; mas que não se repetiram quando a amostra foi subdividida por modalidades esportivas. Esse estudo nos leva a refletir sobre a especificidade de cada esporte e como as características de personalidade podem variar de acordo com a modalidade.

Até quando nos debruçamos sobre a especificidade das artes marciais, podemos encontrar diferenças entre os estilos de luta. Em um estudo polonês (PIEPORA, PIEPORA, WITKOWSKI, 2016), 30 caratecas homens com nível master (faixas preta e experiência em competições, contando até com atletas da seleção nacional), entre 18 e 39 anos, de diferentes estilos de luta (Shotokan, Kyokushin, Oyama, Shidokan), tiveram seus traços de personalidade investigados e comparados com uma amostra de atletas de um esporte sem contato (corrida de orientação), e com população geral. Foi verificado que caratecas possuem valores semelhantes ao de corredores, porém se diferenciam da população não-treinada por apresentarem baixos níveis de Neuroticismo, e altos níveis de Extroversão e Realização. Podemos ver nessas pesquisas como a especificidade do contexto das lutas / artes marciais pode também demonstrar uma predominância de traços específicos, de acordo com sua demanda, cultura e valores. Um exemplo disso é o judô, um esporte olímpico dentre os mais conhecidos e praticados no mundo.

O judô pode ser caracterizado como um esporte de combate, intermitente e de alta intensidade, no qual os atletas são categorizados por sexo, peso corporal e faixas etárias (FRANCHINI *et al.*, 2011). Pensando não só como uma forma de autodefesa viável a todos, independentemente de idade, altura, peso ou vigor físico, Jigoro Kano, fundador da mais tradicional escola de judô do mundo (Instituto Kodokan), também idealizou um código moral baseado em princípios básicos. Princípios como honestidade (ser verdadeiro em seus pensamentos e ações), honra (fazer o que é certo e se manter de acordo com seus princípios) e autocontrole (estar no comando das suas emoções), foram pensados por Mestre Kano para fortalecer o caráter filosófico da prática do judô e fazer com que os praticantes crescessem como pessoas (CBJ, 2016). Esses valores hoje ainda são muito difundidos dentro do esporte, que é caracterizado por ser um esporte metódico, técnico e hierárquico, tendo sempre os mestres como referências de conduta e respeito.

Podemos encontrar diversos estudos que avaliaram os aspectos fisiológicos de atletas de judô (FRANCHINI *et al.*, 2011; FRANCHINI *et al.*, 2013), métodos de treinamento técnico-tático no judô (BOROWIAK *et al.*, 2014; MORALES *et al.*, 2016), perfil antropométrico de judocas e sua relação com testes físicos específicos para o esporte

(CASALS *et al.*, 2016). Contudo, há uma lacuna em estudos sobre componentes psicológicos que afetam o rendimento de atletas de judô, com algumas pesquisas sobre indicadores de *overtraining* (NOCE *et al.*, 2014) e resiliência e estratégias de *coping* (STERKOWICZ-PRZYBYCIENÍ, GRYGIEL, 2014). O desempenho esportivo relaciona não só a interação de fatores físicos e técnico-táticos, mas também psicológicos, apesar destes ainda serem de pouca expressividade em termos de publicações científicas.

No contexto prático-profissional, a presente pesquisa, através das informações provenientes de um levantamento e entendimento das características de personalidade dos atletas e técnicos, poderá auxiliar o trabalho de um psicólogo do esporte. Allen, Greenlees e Jones (2013) comentam que utilizar dados de personalidade pode, além de auxiliar na seleção de atletas para uma equipe/competição, ajudar técnicos e psicólogos a identificar atletas que precisam de mais apoio em um momento específico (em relação ao esporte ou pessoal) e também chamar atenção sobre os efeitos dos traços na relação social, pois ao perceber que a personalidade de treinadores e atletas podem se conflitar, torna-se possível desenvolver estratégias de intervenção para dar suporte à relação. Isso pode trazer uma melhora na comunicação e prevenção de comportamentos que possam causar conflitos entre companheiros. Uma intervenção pensando na repressão ou expressão de traços específicos é impraticável devido ao tempo e complexidade, porém é possível treinar comissões técnicas e companheiros de equipe para facilitar a integração de novatos ou pessoas que têm dificuldades em interagir socialmente e se integrar a um grupo. Pensando que a personalidade pode afetar como atletas respondem a emoções positivas e negativas, essa informação possui importantes consequências para as estratégias de controle emocional focadas para um grupo específico. A partir dessas informações, com o auxílio de um psicólogo do esporte, é possível montar intervenções direcionadas para cada atleta com o intuito de fortalecer aspectos psicológicos importantes para o desempenho esportivo.

Dito isso, o presente estudo se justifica pela importância em conhecer as características de personalidade mais predominantes em atletas de elite das categorias de base do judô, uma vez que essa descrição auxilia uma abordagem otimizada aos atletas, pelo psicólogo do esporte junto à comissão técnica. Estudos

com atletas de alto rendimento ainda são pouco comuns no Brasil, e essas informações poderão auxiliar na melhora do desempenho esportivo, seja na coesão do grupo, na interação atleta-treinador, ou outros mecanismos, no contexto do judô e em outros esportes.

1.1 Objetivo geral

Investigar os traços de personalidade de judocas brasileiros de alto rendimento pertencentes às categorias de base.

1.2 Objetivos específicos

- Descrever as características sociodemográficas dos participantes da pesquisa;
- Comparar as médias das amostras masculina e feminina, com os dados normativos do instrumento;
- Verificar a diferença entre os traços de personalidade dos atletas do gênero masculino e feminino da amostra;

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Modelos teóricos de personalidade no esporte

Dentro da teoria do traço existem ramificações que diferenciam quantos traços alguém possui, ou como esses traços se expressam, e se há ou não de uma hierarquia destes. Gordon Allport foi um dos pioneiros entre seus pares quanto aos estudos dos traços. Baseados no sistema nervoso, este autor acreditava que os traços são unidades básicas da personalidade, que representam disposições generalizadas da personalidade que explicam regularidades no funcionamento da pessoa em situações diferentes e com o passar do tempo (PERVIN, JOHN, 2004). Pinho e Guzzo (2003) comentam que, para Allport, os traços variam quanto ao alcance de sua influência e participam de um *continuum* de conceitos para descrever a personalidade. O autor distinguia traços em cardiais (traço dominante que influencia tudo que a pessoa faz), centrais (disposições que cobram uma variedade mais limitada de situações) e disposições secundárias (menos notáveis, generalizadas e consistentes) (PERVIN, JOHN, 2004).

Em um levantamento dos artigos dos últimos cinco anos que trabalharam a temática personalidade em atletas, foi observada uma predominância de três teorias: a teoria dos três fatores, de Eysenck, principalmente através do *Eysenck Personality Questionnaire* (EPQ) (BUCCHA, 2015; ČAVALA, 2013; DORAK, 2015), sua versão *junior* (EPQ-J) (MILAVIĆ *et al.*, 2013), e o *Eysenck Personality Profiler* (EPP) (PARMA, *et al.*, 2017); a teoria da personalidade de Cattell, principalmente através do *Sixteen Personality Factors* (16PF) (DHESI, SINGH-BAL, 2012; KASUM *et al.*, 2012; ANDRUSCHYSHYN, TEN, 2013; BERENGÜÍ-GIL, GÁRCES DE LOS FAYOS, HIDALGO-MONTESINOS, 2013; BERENGÜÍ *et al.*, 2017) e a Teoria dos Cinco Grandes Fatores (CGF), através do NEO-FFI, NEO-PI-R, entre outros (NIA, BESHARAT, 2010; KAISELER, POLMAN, NICHOLLS, 2012; KRÓL-ZIELIŃSKA *et al.*, 2015; BRINKMAN *et al.*, 2016).

A teoria de três fatores de Eysenck é composta pelas dimensões de Neuroticismo e Extroversão/Introversão (RHODES, SMITH, 2006), presentes em diversos estudos de características de personalidade (DIGMAN, 1990) e no modelo dos CGF; e uma terceira chamada de psicoticismo (ex.: tendência a tomar riscos, ser impulsivo,

irresponsável, manipulativo, maquiavélico e apresentar comportamento antissocial) adicionada posteriormente (EYSENCK, NIAS, COX, 1982; DIGMAN, 1990; MILES, HEMPEL, 2003). Eysenck considera inteligência (ou intelecto) como algo separado de temperamento (DIGMAN, 1990), que é definido por McCrae e colaboradores (2000) como “*predisposição constitucional, observável em crianças e animais, e equiparados, ao menos teoricamente, a processos psicológicos básico*” (p.173).

Nos instrumentos EPQ-R (*Eysenck Personality Questionnaire*) e EPP (*Eysenck Personality Profiler*), que utilizam esse modelo teórico, foi acrescida uma escala de mentira (além de uma para cada dimensão), no intuito de investigar o grau de desejo social nas respostas, a veracidade das respostas, e se o respondente não está, deliberadamente, respondendo o que o pesquisador/psicólogo quer que ele responda (MILES, HEMPEL, 2003).

Contemporâneo de Hans J. Eysenck, o psicólogo Raymond B. Cattell, que teve sua teoria baseada em estudos a respeito da análise de fatores de avaliações com estudantes universitários, proporcionou uma abordagem mais objetiva aos milhares de termos na língua inglesa (e outras) usados para descrever diferenças entre indivíduos (CATTELL, 1947; DIGMAN, 1990; 2002). Para McCrae (2004), essa teoria, invés de se ater a uma mera taxonomia baseada na linguagem, é caracterizada por dois aspectos que ajudam sua configuração como um corpo teórico sólido: a utilização dos dados L (*life – vida*), Q (*questionnaires – questionários*) e T (*tests – testes*) na avaliação da personalidade; e conta com a inclusão de elementos diferentes dos traços, como os estados de ânimo e as capacidades cognitivas. O teste mais utilizado baseado nessa teoria é o 16 PF, no qual o autor restringe a personalidade a 16 fatores primários e 8 secundários (EYSENCK, NIAS, COX, 1982).

Há duas ordens de fatores que compõem essa teoria e seu instrumento (16PF). Os de primeira ordem são: A) Expansivo, B) Inteligente, C) Emocionalmente Estável, E) Afirmativo, F) Despreocupado, G) Consciente, H) Desenvolto, I) Brando, L) Desconfiado, M) Imaginoso, N) Requentado, O) Apreensivo, Q1) Experimentador, Q2) Autosuficiente, Q3) Controlado, e Q4) Tenso; enquanto os de segunda ordem são extroversão e ansiedade/neuroticismo, que englobam esses 16 fatores (CATTELL, 1947; GOUVEIA, PRIETO, 2004; RHODES, SMITH, 2006).

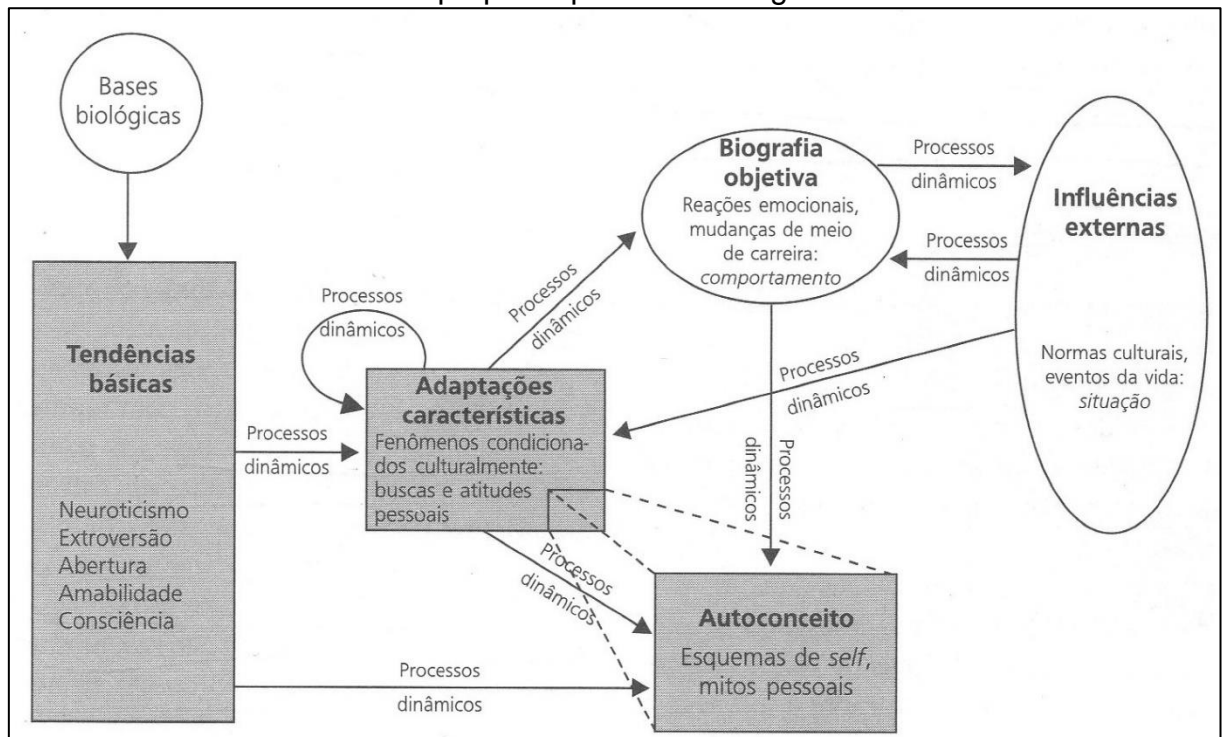
Com o desenvolvimento dos estudos da personalidade, foram percebidas taxonomias comuns à sua composição, variando de dois a sete fatores básicos, sendo o modelo atualmente mais popular o de cinco fatores (DIGMAN, 1990; RHODES, SMITH, 2006).

O desenvolvimento da estrutura de personalidade propiciado pelo CGF padronizou a mensuração de personalidade, permitindo estudos comparativos apoiados em modelos descritivos desses traços (GOLDBERG, 1990; MCCRAE, JOHN, 1992; DROSDECK *et al.*, 2015). O CGF possui características provenientes das teorias de fatoriais e de traço: as últimas contribuíram muito para o desenvolvimento da sua base teórica e as primeiras favoreceram os aspectos instrumental e metodológico que, de maneira gradual, convergiram para uma solução de cinco fatores (NUNES, HUTZ, NUNES, 2014). Esse processo ocorreu a partir do avanço das técnicas fatoriais e da computação (pesquisas anteriores ao uso de computadores requeriam muitos cálculos e demoravam muito tempo para serem realizados, sem contar o eminente risco de erro, tornando-nas pouco replicáveis) (DIGMAN, 2002), além da elaboração de métodos sofisticados de localização e extração de fatores, que deu respaldo a essa forma de organização e exploração da personalidade (NUNES, HUTZ, NUNES, 2014).

Para o sistema de personalidade baseado no modelo teórico proposto para os cinco grandes fatores (FIGURA 1), os seus componentes principais são: tendências básicas, adaptações características e o autoconceito (que, na realidade, faz parte das adaptações características); enquanto que os componentes periféricos, que fazem interface com os componentes principais, são as bases biológicas, influências externas e a biografia objetiva. Para McCrae e Costa (1999), os cinco grandes fatores são como tendências básicas de base biológica, o que significa que as diferenças comportamentais ligadas aos cinco grandes fatores são representadas no corpo de acordo com genes, estruturas cerebrais e assim por diante. Contudo, essas tendências básicas – disposições para agir e sentir de determinadas maneiras – não são sujeitas diretamente às influências externas. Na relação genética contra ambiente, McCrae *et al.* (2000, p.173) são sucintos: *“traços de personalidade, como temperamentos, são disposições endógenas que seguem caminhos intrínsecos de desenvolvimentos, independentes de influências do ambiente”*. Essas tendências influenciam no autoconceito (também chamado de *self*), caracterizado pela ideia de

consciência de nós mesmos e expressão de aspectos organizados e integrados do funcionamento da personalidade humana, e nas adaptações características, que são fenômenos condicionados culturalmente, como atitudes, crenças, objetivos pessoais, linguagem (PERVIN, JOHN, 2004). As adaptações características interferem, através de processos dinâmicos, no próprio autoconceito e na chamada “biografia objetiva”, caracterizada como a totalidade de pensamentos, sentimentos e ações de um indivíduo durante a sua vida. Tanto as influências ambientais externas do indivíduo (oportunidades, normas, influências circunstanciais que fazem parte da vida de alguém) quanto as adaptações características, determinam as escolhas e decisões que o indivíduo faz com o passar do tempo, refletidas na biografia objetiva (PERVIN, JOHN, 2004). Esse sistema é integrativo, em que processos dinâmicos atuam conectando uma visão biológica de traços com influências ambientais no comportamento.

Figura 1: Representação do sistema de personalidade baseado no modelo teórico proposto para os cinco grandes fatores.



Fonte: Extraído de Pervin e John (2004) (p.219), adaptado de McCrae e Costa (1999).

Apesar de terem sua validade científica e ecológica comprovadas, os modelos de traço ainda sofrem, de acordo com Roberts e Davis (2016), duas posições estereotipadas quanto às suas presenças na psicologia: 1) o modelo “essencialista” de personalidade, que presume que personalidade, especialmente na forma de traços,

é essencialmente fixa, imutável, levando pesquisadores a usar traços de personalidade como preditores de uma única vez de resultados, por aceitarem que não irão mudar com o tempo; 2) o modelo “contextualista” de personalidade, que argumenta que, devido à impossibilidade das pessoas serem absolutamente estáveis no seu comportamento, traços de personalidade não existem ou simplesmente não possuem nenhuma serventia, o que é reflexo de pesquisas que dão ênfase a constructos que são presumíveis de mudança, como auto eficácia ou outra variável social cognitiva, e ignoram os traços de personalidade.

Ao entender o sistema de personalidade baseado nos cinco grandes fatores, é possível perceber um meio termo entre essas duas visões. Para McCrae e Costa (1999) é possível afirmar, a partir desse sistema, que os traços não representam totalmente a personalidade, mas ocupam uma parte importante do que formaria a personalidade de alguém.

2.2 Mensuração das características de personalidade no esporte

García-Mas, Estrany e Cruz (2004) comentam que, na área da psicologia do esporte, a avaliação psicológica de atletas pode ser entendida como um dos procedimentos de maior visibilidade e que gera também mais expectativa quanto ao seu resultado para as comissões técnicas e dirigentes de clubes esportivos.

No esporte de alto rendimento, muitas vezes, há necessidade de uma rápida avaliação psicológica na busca de qualificação e quantificação de estados emocionais em situações específicas do cotidiano esporte [...], em que se objetiva coletar informações sobre os níveis de processos psíquicos e relações interpessoais que possam contribuir para a tomada da melhor decisão interventiva na busca da otimização da performance dos atletas e equipes. (PEIXOTO, NAKANO, 2014, p. 203).

Contudo, há uma falta de estudos normativos voltados exclusivamente para o contexto esportivo que deem sentido psicológico aos resultados brutos oriundos dos testes. Apesar de avanços, ainda há uma parcela reduzida de profissionais na área, o que resulta em poucos psicólogos para adequarem os instrumentos psicométricos ao contexto esportivo em razão da utilização de diversas escalas e testes diferentes, não havendo uma padronização na escolha de um instrumento validado, visto a peculiaridade do meio e de seus sujeitos. Testes psicológicos no Brasil devem ser aprovados pelo Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI) através de um rigoroso julgamento de suas propriedades e premissas, para poderem ser

adequadamente comercializados e utilizados pelos profissionais da área. Além da comprovação de evidências de validade (capacidade de avaliar o que se propõe) e precisão (capacidade de medir sem erros), os instrumentos devem contar dados sobre sua padronização e normatização (corresponde à uniformidade na interpretação dos escores que um indivíduo gera ao responder um teste) (PEIXOTO, NAKANO, 2014). Nakano (2013) comenta que, mesmo que existam evidências positivas de validade e precisão, são importantes as indicações de uso e a população que pode ser beneficiada na testagem. Mais do que aplicar o teste e quantificar o escore bruto, quando se utiliza de testes psicométricos, é imprescindível que o psicólogo do esporte esteja apto a interpretar esses dados e gerar um resultado compreensível não só para o atleta, mas para a comissão técnica, sempre respeitando a conduta ética profissional.

Há também uma dificuldade em acessar atletas de alto rendimento, devido à sua elevada carga de treinamento, constantes viagens e, por vezes, falta de apoio do treinador e da comissão técnica quanto à importância dos dados desses atletas, que podem muito contribuir com a evolução das Ciências do Esporte. Estudos com atletas de alto nível proporcionam um melhor entendimento do desempenho destes, quando comparados a pesquisas com indivíduos praticando esporte, ideia essa corroborada por Morris (2000), que comenta da necessidade do desenvolvimento de mais pesquisas que diferenciem o atleta júnior do atleta de elite.

Outra limitação, principalmente no uso de testes psicométricos, é a crença que existe uma “resposta correta”, ideia presente em muitos processos de seleção de pessoa, que pode ser adaptada para o contexto esportivo pela “seleção de atletas” ou “seleção de talentos”. Smith e Christensen (1995) comentam que a resposta do atleta no teste é influenciada pelo fato do mesmo saber que o teste está sendo usado para fins de seleção, fazendo com que, por vezes, transforme a resposta real em uma mais aceitável, o que invalida o teste como meio de previsão. Por isso, a aplicação de teste e Realização de avaliação psicológica na seleção de atletas é um empreendimento com muitos perigos devido às limitações nos testes (MCCANN, JOWDY, VAN RAALTE, 2011). O presente estudo se caracterizou por investigar os traços, e não aplicar um julgamento de valor.

Estudos nas últimas duas décadas têm trazido avanços na área de personalidade (GARCÍA-NAVEIRA, RUÍZ-BARQUÍN, 2013; ALLEN, GREENLEES, JONES, 2013; ROBERTS, DAVIS, 2016; ROBERTS *et al.*, 2017), através de uma melhor instrumentação psicométrica, os quais corroboram com a ideia de que a personalidade é estruturada de forma similar em diversas culturas (MCCRAE, COSTA, 1997), além mostrar níveis modestos de continuidade na infância e níveis altos de continuidade na fase adulta (ROBERTS & DELVECCHIO, 2000) e não se relacionar fortemente a estilo parental (MCCRAE *et al.*, 2000).

2.3 Judô

Criado em 1882 no Japão pelo professor Jigoro Kano, o judô nasceu como um método educativo derivado das artes marciais, e se tornou oficialmente um esporte olímpico em 1964 (após ser nomeado como um esporte de demonstração nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1940, que foram cancelados devido a conflitos internacionais) (IJF, 2015). No Brasil, a modalidade chegou no século passado, proveniente dos imigrantes nipônicos, os quais tinham objetivo fazer fortuna no Brasil e retornar à sua terra natal (NUNES, RUBIO, 2012). Os primeiros imigrantes praticante da modalidade, Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake (representante da Kodokan, escola fundada por Kano) usavam o judô como forma de manter sua cultura e se divertir, sendo “liberada” gradativamente aos brasileiros (NUNES, RUBIO, 2012).

Nunes e Rubio (2012) comentam que a institucionalização da modalidade ocorreu após o final da Segunda Guerra Mundial, com sua federação em São Paulo, em 1958, seguida por Minas Geras (1961), Paraná (1961) e Rio de Janeiro (1962). Os primeiros campeonatos brasileiros vieram até mesmo antes da criação das federações, sendo seguidos pela fundação da Confederação Brasileira de Judô, em 1969. A partir do ingresso do judô no programa olímpico, em 1964, a forma de divulgação e exposição da mídia no país ocorreram através de participações nas competições oficiais, e não mais os tradicionais desafios, feitos por Maeda e Satake, com o intuito de promover o esporte no país.

No que concerne a campeonatos oficiais, existem certas regras que diferem quanto às faixas etárias. Para as categorias de base (júnior e cadete), o tempo oficial de duração de uma luta é de 4 minutos, que pode ser complementado em três minutos

ou até que um dos atletas obtenha qualquer pontuação; o que ocorrer primeiro (IJF, 2017). De acordo com as regras instituídas pela Federação Internacional de Judô (IJF, 2017), há quatro maneiras de pontuar durante uma luta: projeção; imobilização; desistência ou finalização por meio de estrangulamentos ou chaves de braço; e pontuação por punição. É um esporte altamente codificado, no qual a mente controla a expressão do corpo, e que consegue contribuir com a educação do indivíduo praticante (IJF, 2015). É possível perceber a complexidade da prática e da aprendizagem da modalidade diante da necessidade de atingir uma dessas metas pela interação entre as ações executadas em tarefas abertas durante o combate (MIARKA, 2014).

Referente aos campeonatos, de acordo com o livro de regras oficiais (IJF, 2017), as principais competições reconhecidas e promovidas pela Federação Internacional de Judô (IJF) são: campeonato mundial e campeonato mundial para equipes (para atletas seniores); campeonato mundial aberto; campeonato mundial para juniores, mundial para cadetes (atletas de 15-17 anos); jogos olímpicos; jogos olímpicos da juventude. Os grupos etários dos campeonatos são divididos em: sub-15, sub-18, sub-21 (essas chamadas de categorias de base) e seniores (acima de 21 anos). Nenhum competidor menor de 15 anos poderá participar de qualquer competição oficial da IJF. Além da faixa etária, os atletas são categorizados de acordo com seu peso e sexo: na categoria sub 18, os pesos do masculino são <50kg, 55kg, 60kg, 66kg, 73kg, 81kg, 90kg e >90kg; e os do feminino <40kg, 44kg, 48kg, 52kg, 57kg, 63kg, 70kg e >70kg; enquanto que os pesos da categoria sub 21 são, para os homens, <55kg, 60kg, 66kg, 73kg, 81kg, 90kg, 100kg e >100kg; e para as mulheres são <44kg, 48kg, 52kg, 57kg, 63kg, 70kg, 78kg e >78kg. (IJF, 2017). Essas categorias também são respeitadas em campeonatos promovidos pela Confederação Brasileira de Judô (CBJ) e campeonatos de menor porte (destinados a nível amador). Em 2010, a Federação Internacional de Judô (IJF) introduziu o sistema de ranqueamento dos atletas, por meio de pontuações em competições. Nas categorias de base, atletas das categorias cadete (sub-18) e categoria júnior (sub-21) acumulam pontos pela participação e pela colocação nos seguintes eventos: Estágio internacional, Brasileiro Final, Seletiva Nacional, Taça Brasil de Juniores, Meeting de Base, Brasileiro Regional e Campeonato Estadual (CBJ, 2017). Os atletas da base também participam de um sistema de ranqueamento

e de competições importantes de nível internacional como os Jogos Olímpicos da Juventude, Campeonato Mundial Júnior e Juvenil (IJF, 2015).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Caracterização do Estudo

Trata-se de uma pesquisa de natureza: exploratória, pois objetiva ampliar o entendimento do fenômeno da personalidade no contexto esportivo (sob o recorte do judô); descritiva, uma vez que almeja descrever as características dos atletas brasileiros de judô de alto rendimento das categorias de base coletadas; e correlacional, porque aspira investigar as diferenças e semelhanças entre a amostra e a população normal brasileira (GIL, 2002). Isso tudo realizado por meio de levantamento bibliográfico e discussão de experiências práticas (PESCA, 2013).

3.2 Cuidados éticos:

O trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo referido pelo protocolo 64099317.5.0000.5149 (ANEXO 1). Ao se apresentarem como voluntários, os indivíduos foram informados pelos pesquisadores quanto aos objetivos, aos procedimentos metodológicos e à cronologia do estudo. Os voluntários foram também informados quanto aos possíveis riscos e desconfortos, assim como benefícios potenciais relacionados à participação no experimento e quanto ao possível tratamento e compensação por danos decorrentes, e da possibilidade de abandono do estudo e descarte de seus dados a qualquer momento de interesse, sem prejuízos ou danos ao mesmo. A coleta foi autorizada pelo responsável geral das categorias de base (ANEXO 2) concomitantemente ao envio dos documentos para o Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG.

3.3 Amostra:

A amostra desse estudo apresentou caráter não probabilístico e intencional, formada por 70 judocas, sendo 31 do gênero feminino e 39 do gênero masculino, presentes no Meeting da Base, evento que soma pontos para o Ranking Nacional da Base Classe Sub 18 e Sub 21 – 2017. A média da idade do grupo feminino foi $17,42 \pm 1,5$ anos e do tempo de experiência no judô foi $10,13 \pm 2,78$ anos, enquanto a média da idade do

grupo masculino foi $17,15 \pm 1,37$ anos e do tempo de experiência no judô foi $10,92 \pm 2,85$ anos. Todos pertenciam a alguma das categorias de peso utilizadas nas competições da modalidade: meio leve, leve, meio médio, médio, meio pesado, pesado (CBJ, 2017).

O processo de seleção dos participantes ocorreu de maneira não aleatória, voluntária, por conveniência e acessibilidade. O fato da amostra ser de conveniência foi em razão da concentração e facilidade de acesso aos atletas de alto rendimento dispostos a participar da pesquisa, o que tornou o estudo factível em termos logísticos, cronológicos e financeiros (OLIVEIRA, 2001). Definimos a amostra de atletas de alto rendimento como aqueles que competem atualmente em nível nacional/internacional no seu esporte e/ou convocados para seleção nacional, na categorial principal ou de base (BARA FILHO, RIBEIRO, GARCÍA, 2005a, 2005b; SWANN, MORAN, PIGGOTT, 2014). Foi usada uma abordagem relativa (CHI, 2006), que se admite que *expertise*, termo usado para definir atletas *experts* (SWAN, MORAN, PIGGOTT, 2014), como um nível de proficiência que novatos podem atingir, no qual um atleta com mais conhecimento e experiência pode ser classificado com *expert*, ou, nesse caso, atleta de alto rendimento.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão para participar do presente estudo:

- Estar dentro da faixa etária pertencente às categorias sub 18 ou sub 21 (entre 14 e 20 anos);
- Competir em campeonatos nacionais/internacionais e/ou convocados para seleção nacional.
- Saber ler e interpretar frases (mínimo de estudo: ensino fundamental completo);

Devido ao seu caráter transversal, com exceção da condição do atleta (estar bem descansado) no momento de aplicação dos instrumentos, somente foi adotado o critério de exclusão para aqueles que não preencheram os instrumentos de forma adequada, sendo esse o caso de três participantes.

De acordo com a Federação Internacional de Judô (IJF, 2017), as categorias de base são organizadas de acordo com a faixa etária dos atletas, divididos as categorias em:

sub-15 (atletas de 12 a 14 anos), sub-18 ou cadetes (atletas de 15 a 17 anos), sub-21 ou júnior (atletas de 18 a 20 anos), e sênior (acima de 20 anos). O presente estudo contou com judocas somente das categorias cadete e júnior. A categoria de base, de acordo com Guimarães e Paoli (2011), assume o papel de formação completa do atleta para que ele possa chegar à idade adulta em condições de atuar no profissional. Na categoria sub-15, de acordo com a Confederação Brasileira de Judô (CBJ), é a fase onde são permitidas as participações em competições nacionais, enquanto que somente no sub-18 os atletas iniciam as participações em competições internacionais (IJF, 2015). Os judocas da categoria sub-21 participam de competições com alto nível de competitividade, tanto nacional como internacional, além de representarem a fase final do processo de formação do atleta de judô, resultando na profissionalização ou abandono do esporte de alto nível.

3.4 Instrumentos:

3.4.1 Questionário sociodemográfico:

Elaborado pelos autores da pesquisa, esse instrumento almejou conhecer mais sobre os aspectos sociais e demográficos dos atletas, para melhor caracterizar e descrever a amostra. O questionário (APÊNDICE 1) investigou questões relativas ao gênero do atleta, idade (respondida e tabulada posteriormente em anos completos), naturalidade (estado e cidade), escolaridade máxima, modalidade, categoria em que compete (idade e peso), tempo de experiência/prática (em anos completos), quantidade de treinos por semana, de horas de treino por dia (os atletas foram instruídos a contabilizarem não só os treinos de judô, mas os físicos na academia também), de jogos/provas disputadas nos últimos 12 meses (os atletas foram instruídos a contabilizarem o número de campeonatos, não de lutas). O instrumento também abordou questões abertas sobre os motivos que levaram o atleta à prática esportiva do judô, e quais foram os campeonatos mais importantes disputados em sua carreira. Contudo, devido à alta variabilidade/falta de consistência das respostas dos atletas, as questões abertas e as relacionadas à quantidade de horas semanais/diárias dedicadas ao treino e quantidade de campeonatos disputados, não foram utilizadas no presente estudo.

3.4.2 Bateria Fatorial de Personalidade (BFP):

A BFP é um teste psicométrico de autoria de Nunes, Hutz e Nunes (2014), o qual avalia traços de personalidade baseados na Teoria dos Cinco Grandes Fatores. O instrumento foi desenvolvido no Brasil, baseando-se nos valores culturais, idioma e diversidades regionais (NUNES, HUTZ, NUNES, 2014), dando uma resposta mais fidedigna às características de personalidade de brasileiros. Foi desenvolvido a partir da seleção de itens com as melhores propriedades psicométricas das escalas individuais de Neuroticismo (ZANON, HUTZ, 2009), Socialização (NUNES, HUTZ, 2007), Extroversão (NUNES, HUTZ, 2006), Abertura (VASCONCELLOS, HUTZ, 2008) e Realização. Alguns dos fatores do modelo teórico foram renomeadas pelos autores no intuito de melhor se adequarem semanticamente e serem melhor compreendidas por pesquisadores e participantes, porém ainda sem perder seu significado, como o fator Conscienciosidade que foi alterado para *Realização*, e Amabilidade para *Socialização*. A precisão das dimensões da BFP e suas facetas, apresentadas pelos autores do instrumento, foi calculada a partir do *Alfa de Cronbach*, dividida por gênero, com somente 3 facetas apresentando precisão inferior a 0.60 (“Dinamismo/Assertividade” para os homens, “Liberalismo” para as mulheres, e “Busca por Novidades” para ambos), sendo que todos os fatores e a maioria das facetas apresentaram consistência interna considerada boa ou muito boa (NUNES, HUTZ, NUNES, 2014).

A escala possui 126 afirmativas, respondidas em escala *Likert* de sete pontos (sendo 1 referente a “descreve-me muito mal” e 7 “descreve-me muito bem”), na qual o voluntário indica o nível de concordância em relação a essas, que descrevem a expressão da personalidade por meio da forma como as pessoas pensam, agem e sentem. Os fatores, ou dimensões, são compostos por um número de facetas, que quando somadas e divididas por si, compõem seu escore total. Por exemplo: o fator Extroversão é composto pelas facetas Comunicação, Ativez, Dinamismo e Interações Sociais, e possui seu escore total composto pela soma dos seus escores brutos e divisão por 4 (número de facetas). O escore das facetas é composto pela soma dos escores de cada afirmação que compõe tal faceta, dividido pelo número de questões. É importante atentar, no momento da correção, que algumas das facetas apresentam itens positivos (indicadores diretos de um alto nível de um dado constructo) e

negativos (baixo nível desse constructo. Um exemplo seriam as afirmativas “Costumo tomar iniciativa e conversar com os outros” (positiva) e “Difícilmente falo de mim para os outros” (negativa). No caso de uma negativa, faz-se a inversão dos escores (1=7; 2=6; 3=5; 4=4; 5=3; 6=2; 7=1) para dar o valor a ser somado com os outros escores e compor a faceta.

De acordo com Nunes, Hutz e Nunes (2014), o fator *Neuroticismo* se relaciona com o nível crônico de ajustamento e instabilidade emocional dos indivíduos, e representa as diferenças individuais que podem ocorrer quando sujeitos experimentam padrões emocionais vinculados a desconforto psicológico (ex.: aflição, angústia, sofrimento). Baixa pontuação dessa dimensão demonstra uma tendência à tranquilidade, relaxamento e uma menor agitação; enquanto que uma alta pontuação pode indicar ansiedade, hostilidade, vulnerabilidade, presença de padrões de intenso sofrimento psicológico. É importante notar que parte das características agrupadas no fator Neuroticismo relacionam-se, de certa forma com características do fator Realização. Essa dimensão é composta pelas facetas:

- Vulnerabilidade: avalia o quão frágil emocionalmente as pessoas são (Ex.: “Sou uma pessoa insegura”).
- Instabilidade Emocional: afere o quanto as pessoas se descrevem como irritáveis, nervosas e com grandes variações de humor (Ex.: “Ajo impulsivamente quando alguma coisa está me aborrecendo”).
- Passividade/ Falta de energia: mede a tendência das pessoas em apresentarem um comportamento de procrastinação, dificuldade para iniciar e se manter motivadas em uma tarefa, principalmente se são afazeres longos ou difíceis, podendo abandoná-los antes da conclusão (Ex.: “Eu paro de fazer as coisas quando elas ficam muito difíceis”).
- Depressão: avalia os padrões de interpretações que os indivíduos apresentam em relação aos eventos que ocorrem ao longo de suas vidas, como ter uma vida monótona, expectativa negativa sobre o futuro, serem solitários, sem objetivos claros para suas vidas (Ex.: “Acho que a minha vida é vazia e sem emoção”).

Nunes, Hutz e Nunes (2014) apontam que a *Extroversão* se relaciona às formas como as pessoas interagem com os demais, a busca por contato, senso de intimidade;

caracterizando aqueles com altos índices como falantes, ativas, responsivas que externalizam suas preferências e crenças para as demais, e aqueles que apresentam baixos índices como sóbrios, independentes, indiferentes e quietos. Pessoas com altos índices geralmente gostam de realizar atividades em grupo, procurando ativamente companhia, e muitas vezes, exercendo um papel de líder, com certa dominância e assertividade. As facetas que compõem esse fator são:

- Comunicação: avalia o quanto comunicativas e expansivas as pessoas acreditam que são (Ex.: “Difícilmente fico sem jeito”).
- Altivez: os itens dessa faceta descrevem pessoas com uma percepção grandiosa sobre sua capacidade e o seu valor (Ex.: “É comum terem inveja de mim”).
- Dinamismo: mede o quanto as pessoas tomam iniciativa em situações variadas, o quanto facilmente acreditam colocar suas ideias em prática e seu nível de atividade (Ex.: “Usualmente, tomo a iniciativa nas situações”).
- Interações sociais: descreve pessoas que buscam ativamente situações que permitam interações sociais como festas, atividades em grupo, além de se envolver rapidamente com outros (Ex.: “Não consigo viver só”).

A *Socialização* apresenta como componentes básicos deste fator a confiança, altruísmo, franqueza, tolerância, modéstia e ternura (NUNES, HUTZ, NUNES, 2014). Uma pessoa que apresenta altos escores geralmente é caracterizada como generosa, altruísta, que tem compaixão pelos outros, enquanto que aqueles que apresentam baixos escores são descritos por terem maiores tendências à manipulação, insensibilidade, rancor e vingança. Esse fator é composto pelas facetas:

- Amabilidade: essa faceta descreve o quanto atenciosas, compreensivas e empáticas as pessoas procuram ser com as demais (Ex.: “Tento fazer com que as pessoas se sintam bem”).
- Pró-sociabilidade: agrupa itens que descrevem comportamentos de risco, concordância ou confronto com leis e regras sociais, moralidade. Pessoas com altos níveis nessa faceta tendem a evitar situações de risco, transgressões a leis ou regras sociais, além de ter uma postura

franca com os demais, evitando pressioná-los ou induzi-los a algo que não têm interesse (Ex.: “Respeito autoridades”).

- Confiança nas Pessoas: avalia quanto as pessoas confiam nos outros e acreditam que não as prejudicarão (Ex.: “Acredito que as pessoas têm boas intenções”).

Segundo Nunes, Hutz e Nunes (2014), a dimensão de *Realização* se relaciona com o grau de organização, persistência, controle e motivação que tipicamente indivíduos apresentam. Escores altos nessa dimensão estão presentes em pessoas organizadas, determinadas, trabalhadoras, ambiciosas; diferente dos de baixo escore, que geralmente são descritas como preguiçosas, descuidadas e negligentes. As facetas que compõem esse fator são:

- Competência: essa faceta é composta por itens que descrevem uma atitude na busca dos objetivos e a consciência de que é preciso fazer alguns sacrifícios pessoais para se obter os resultados esperados (Ex.: “Sou capaz de assumir tarefas importantes”).
- Ponderação/ Prudência: os itens dessa faceta investigam o cuidado com a forma para expressar opiniões ou defender interesses, bem como avaliação das possíveis consequências de ações (Ex.: “Escolho as palavras com cuidado”).
- Empenho/ Comprometimento: descreve uma tendência ao detalhismo na realização de trabalhos e um alto nível de exigência pessoal com a qualidade das tarefas realizadas (Ex.: “Exijo muito de mim mesmo”).

Por último, a dimensão de *Abertura*, de acordo com Nunes, Hutz e Nunes (2014) englobaria os comportamentos exploratórios e o reconhecimento da importância de ter novas experiências. Altos índices remetem à curiosidade, criatividade, imaginação; enquanto que baixos índices indicam rigidez quanto às crenças, autoritarismo e preconceito. Esse fator é composto pelas seguintes facetas:

- Interesse por novas ideias: os itens dessa faceta descrevem abertura para novos conceitos ou novas ideias, que podem incluir postura aberta para posições filosóficas, arte, fotografia, estilos musicais, diferentes expressões culturais e uso da imaginação e da fantasia (Ex.: “Participar de atividades que envolvam criatividade e/ou fantasia me empolga”).

- Liberalismo: descreve uma tendência à abertura para novos valores morais e sociais (Ex.: “Acho que não existe uma verdade absoluta”).
- Busca por novidades: avalia preferência por vivenciar novos eventos e ações. Altos níveis tendem predizer um desapeço por rotina e tédio quando não podem vivenciar novos eventos (Ex.: “Gosto de fazer coisas que nunca fiz antes”).

3.5 Procedimentos de coleta:

Anterior à aplicação dos instrumentos, foi entregue ao participante um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para participação no estudo (APÊNDICE 2), redigido pelos pesquisadores, que explica o objetivo e os trâmites da pesquisa em questão. Para os atletas com menos de 18 anos completos, foi entregue um termo de assentimento livre e esclarecido (TALE) para participação no estudo (APÊNDICE 3), sendo o TCLE assinado por um adulto responsável pelo mesmo (APÊNDICE 4). Caso estivessem de acordo, cada voluntário assinava o TCLE em duas vias, uma para o voluntário e outra que foi arquivada pelos pesquisadores, para assim dar início à coleta.

Primeiramente foram explicados aos atletas os objetivos (presentes nos termos) desta pesquisa e a importância dos dados coletados para melhor compreender a personalidade no esporte, especificamente no judô e na população júnior e cadete. Em seguida foi distribuída a folha com o questionário sociodemográfico (APÊNDICE 1), na qual os atletas responderam questões relativas à idade, escolaridade, gênero, categoria em que compete, entre outras questões. Após o preenchimento do questionário foi fornecido um caderno de aplicação e um caderno de respostas da BFP (NUNES, HUTZ, NUNES, 2014). Ambos materiais foram fornecidos e autorizados para impressão pelo Prof. Dr. Carlos Henrique Nunes, um dos autores do instrumento (ANEXO 3). A inserção das tabelas com os valores de referência no presente trabalho foi autorizada pela editora Pearson (ANEXO 4).

A aplicação foi realizada no hotel em que ocorreu um evento oficial da CBJ, em um espaço reservado que conseguisse comportar confortavelmente cerca de 12 atletas por vez, cada um com seus materiais individuais. Apesar de não haver limite, o tempo médio para a realização da pesquisa foi de 35 minutos. Ao sair do local de coleta, o

judoca recebeu uma cópia do termo de consentimento/ assentimento assinado pelo pesquisador. Se houvesse algum atleta esperando para participar, o mesmo era instruído a se dirigir ao local da coleta e aguardar as instruções. Para maior facilidade e uniformidade nas instruções, foram formados pequenos grupos para assim iniciar a aplicação, invés de individualmente.

Toda coleta foi realizada somente pelo pesquisador, obedecendo os preceitos éticos referentes a testes psicométricos, de uso e aplicação exclusiva por um psicólogo licenciado pelo conselho que rege a classe.

Com a conclusão da coleta, os dados obtidos foram tabulados, tratados e analisados. Concomitante à escrita da dissertação, um relatório geral (que preserva a identificação dos atletas) está em processo de desenvolvimento para compor a devolutiva que será realizada com os atletas e comissão técnica da CBJ. Será oferecida uma devolutiva individual via videoconferência para os judocas que manifestarem interesse.

3.6 Análise Estatística

As variáveis de personalidade (Neuroticismo, Socialização, Extroversão, Realização e Abertura, além de suas respectivas facetas), assim como algumas variáveis como idade e tempo de experiência, foram descritas por meio de valores de média, desvio padrão; enquanto que escolaridade, região geográfica, gênero e categoria de peso e idade, foram descritos por meio da análise de frequência em percentis. Para a análise estatística, foram realizados os testes de normalidade e o tamanho do efeito para cada comparação de médias.

Para Sullivan e Feinn (2012), a significância estatística é a probabilidade que a diferença observada entre os grupos foi ao acaso. Logo, se $p < 0,05$, a diferença observada é supostamente explicada pela variabilidade amostral. Já o tamanho do efeito estima a magnitude e direção da diferença entre grupos ou a relação entre duas variáveis (DURLAK, 2009). Dentre as diferentes formas de medida, no presente trabalho será usado o d de Cohen, que é uma medida da diferença entre dois grupos (nesse caso amostra e população), divididos pelo desvio padrão populacional, representado pela fórmula: $d = (\mu_1 - \mu_2) / \sigma$ (FERGUSON, 2009). A Associação Americana de Psicologia (APA) tem encorajado explicita e abertamente autores a

reportarem tamanho de efeito desde 1994 (WILKINSON *et al.*,1999), e para Coe (2002), uma das principais vantagens do uso dessa medida é que, quando uma pesquisa é replicada, a estimativa diferente do tamanho do efeito de cada estudo pode ser facilmente combinada, objetivando uma melhora na estimativa no tamanho do efeito, promovendo uma abordagem científica ao acúmulo de conhecimento. Cohen (1994) classifica o tamanho de efeito por três valores: $d = 0.20$ – efeito pequeno; $d = 0.50$ – efeito mediano; $d = 0.80$ – efeito forte.

Os pressupostos de normalidade foram avaliados pelo teste de *Shapiro-Wilk* e análise de curtose e assimetria. As médias amostrais, categorizadas pelo gênero, foram comparadas com as médias populacionais (ANEXO 5), presentes no manual técnico da BFP (NUNES, HUTZ, NUNES, 2014) através do teste de variância de *t Student* de uma amostra. Por fim, foi também aplicado um teste *t* de *Student* para amostras independentes, objetivando comparar as médias das variáveis de acordo com o gênero. A média etária dos 6276 respondentes que compuseram a base que foi usado para calcular as médias populacionais foi de $23,0 \pm 7,68$ anos (NUNES, HUTZ, NUNES, 2014). Os procedimentos de análise de dados foram realizados utilizando o Software Estatístico IBM SPSS Versão 18.

4 RESULTADOS

Testes de *Shapiro-Wilk* ($p > 0,05$ para todas variáveis) (SHAPIRO, WILK, 1965; RAZALI, WAH, 2011) e uma análise visual de seus histogramas, *normal Q-Q plots* e *box plots* (APÊNDICE 5) mostraram que as médias dos escores brutos dos fatores e respectivas facetas de personalidade dos judocas da amostra obtiveram distribuições aproximadamente normais tanto para os homens quanto para mulheres, com os valores de assimetria e curtose (APÊNDICE 6) satisfatórios (DOANE, SEWARD, 2011) para todas as variáveis de personalidade estudadas.

Inicialmente serão apresentados os dados de média e desvio padrão da amostra e populacional, referentes aos cinco grandes fatores, separados por gênero. Em seguida serão apresentados os dados de média e desvio padrão da amostra e populacional, referentes às facetas de cada grande fator, também separados por gênero.

A Tabela 1 mostra a estatística descritiva das variáveis coletadas pelo questionário sociodemográfico. Houve uma predominância de homens (55,7%), do sudeste do país (61,4%), cursando o ensino médio (42,9%), da categoria de peso meio médio (17,7%), da categoria sub-21 (60%). O caráter heterogêneo deve ser quanto à participação judocas de todas as regiões do país, categorias (tanto de peso quanto de idade) e diferentes níveis de escolaridade (a Bateria Fatorial de Personalidade não pode ser aplicada em pessoas com escolaridade menor que ensino fundamental completo).

TABELA 1 – Estatística descritiva das variáveis sociodemográficas.

Variáveis	Grupos	Frequência (n)	Porcentagem (%)
Gênero	Feminino	31	44,3
	Masculino	39	55,7
	TOTAL	70	100
Região Geográfica	Norte	4	5,7
	Nordeste	5	7,1
	Centro Oeste	5	7,1
	Sudeste	43	61,4
	Sul	13	18,6
	TOTAL	70	100
Escolaridade	Médio Incompleto	30	42,9
	Médio Completo	23	32,9

	Superior Incompleto	17	24,3
	TOTAL	70	100
Categoria (Peso)	Super Ligeiro	8	11,4
	Ligeiro	6	8,6
	Meio Leve	10	14,3
	Leve	11	15,7
	Meio Médio	12	17,1
	Médio	6	8,6
	Meio Pesado	11	15,7
	Pesado	6	8,6
		TOTAL	70
Categoria (Idade)	Sub-18	28	40
	Sub-21	42	60
	TOTAL	70	100

Fonte: elaboração própria.

Com o objetivo de verificar as diferenças quanto às expressividades dos traços de cada gênero da amostra com seu equivalente populacional, por meio dos valores normativos do instrumento (ANEXO 5), é apresentada na tabela 2 a comparação entre a média amostral e a populacional do gênero feminino. Foram encontradas diferenças significativas no fator Abertura ($p = 0,002$; $d = 0,49$), e nas facetas Comunicação ($p = 0,002$; $d = 0,57$), Altivez ($p = 0,012$; $d = 0,48$) e Liberalismo ($p = 0,007$; $d = 0,42$). As diferenças indicando baixos escores do fator Extroversão ($p = 0,051$; $d = 0,31$) e da faceta Busca por Novidades ($p = 0,059$; $d = 0,33$) foram muito próximas dos níveis aceitáveis de significância estatística.

TABELA 2: Comparação das médias amostral e populacional do gênero feminino (teste t de amostra única).

Faceta	Amostra	População	P	t	d
Neuroticismo	3,45 ± 0,87	3,25 ± 0,99	0,206	1,293	0,20
Vulnerabilidade	3,98 ± 1,10	3,61 ± 1,23	0,068	1,893	0,30
Instabilidade Emocional	4,07 ± 1,46	3,80 ± 1,42	0,314	1,024	0,19
Passividade / Falta de Energia	3,45 ± 1,21	3,44 ± 1,25	0,977	0,030	0,001
Depressão	2,31 ± 0,70	2,32 ± 1,09	0,936	-0,082	0,001
Extroversão	4,08 ± 0,77	4,36 ± 0,88	0,051	-2,036	0,31
Comunicação	3,56 ± 1,20	4,31 ± 1,31	0,002	-3,492*	0,57
Altivez	3,19 ± 1,00	3,67 ± 1,08	0,012	-2,668*	0,48
Dinamismo	4,54 ± 0,96	4,79 ± 1,04	0,150	-1,479	0,24
Interações Sociais	5,03 ± 0,92	4,86 ± 1,12	0,314	1,025	0,15
Socialização	5,45 ± 0,49	5,43 ± 0,68	0,801	0,254	0,02
Amabilidade	5,74 ± 0,69	5,73 ± 0,87	0,959	0,052	0,01

Pró-sociabilidade	5,86 ± 0,57	5,77 ± 0,91	0,091	0,895	0,10
Confiança nas Pessoas	4,76 ± 0,96	4,80 ± 1,00	0,839	-0,205	0,04
Realização	4,99 ± 0,95	4,97 ± 0,80	0,899	0,129	0,03
Competência	5,26 ± 0,96	5,17 ± 0,92	0,586	0,551	0,10
Ponderação / Prudência	4,97 ± 1,26	4,89 ± 1,21	0,734	0,344	0,07
Empenho / Comprometimento	4,74 ± 1,27	4,84 ± 1,06	0,668	-0,434	0,09
Abertura	4,35 ± 0,56	4,69 ± 0,71	0,002	-3,360*	0,49
Abertura a Ideias	4,32 ± 0,96	4,57 ± 1,01	0,153	-1,466	0,25
Liberalismo	4,46 ± 0,81	4,88 ± 0,99	0,007	-2,914*	0,42
Busca por Novidades	4,28 ± 0,95	4,62 ± 1,03	0,059	-1,959	0,33

*: quando existe diferença significativa da média populacional ($p < 0,05$).

Fonte: elaboração própria.

Os atletas do gênero masculino, quando comparados com dados populacionais do mesmo gênero (Tabela 3), apresentaram diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) nas dimensões de Realização ($p = 0,022$; $d = 0,26$) e Abertura ($p < 0,001$; $d = 0,65$), e nas facetas Vulnerabilidade ($p = 0,035$; $d = 0,30$), Comunicação ($p = 0,001$; $d = 0,57$), Pró-sociabilidade ($p = 0,001$; $d = 0,40$), Competência ($p = 0,028$; $d = 0,26$), Abertura a Ideias ($p = 0,002$; $d = 0,39$), Liberalismo ($p = 0,008$; $d = 0,28$) e Busca por Novidades ($p < 0,001$; $d = 0,76$).

TABELA 3: Comparação das médias amostral e populacional do gênero masculino (teste t de amostra única).

Faceta	Amostra	População	p	t	d
Neuroticismo	3,28 ± 0,79	3,06 ± 1,00	0,093	1,725	0,22
Vulnerabilidade	3,60 ± 1,01	3,25 ± 1,18	0,035	2,192*	0,30
Instabilidade Emocional	3,65 ± 1,36	3,43 ± 1,37	0,313	1,023	0,16
Passividade / Falta de Energia	3,52 ± 0,94	3,47 ± 1,22	0,733	0,344	0,04
Depressão	2,34 ± 0,77	2,36 ± 1,14	0,842	-0,201	0,01
Extroversão	4,07 ± 0,77	4,28 ± 0,83	0,097	-1,703	0,25
Comunicação	3,54 ± 1,20	4,24 ± 1,22	0,001	-3,645*	0,57
Altivez	3,38 ± 0,95	3,67 ± 1,04	0,065	-1,897	0,28
Dinamismo	4,57 ± 0,83	4,78 ± 0,99	0,128	-1,557	0,21
Interações Sociais	4,78 ± 1,07	4,74 ± 1,08	0,817	0,233	0,04
Socialização	5,20 ± 0,54	5,04 ± 0,80	0,067	1,885	0,20
Amabilidade	5,23 ± 0,75	5,32 ± 0,99	0,467	-0,735	0,10
Pró-sociabilidade	5,67 ± 0,75	5,23 ± 1,10	0,001	3,672*	0,40
Confiança nas Pessoas	4,71 ± 0,83	4,57 ± 1,01	0,284	1,087	0,14
Realização	5,16 ± 0,58	4,94 ± 0,84	0,022	2,388*	0,26

Competência	5,43 ± 0,64	5,19 ± 0,93	0,028	2,288*	0,26
Ponderação / Prudência	5,08 ± 0,87	4,99 ± 1,17	0,538	0,621	0,08
Empenho / Comprometimento	4,99 ± 0,94	4,65 ± 1,06	0,030	2,255*	0,32
Abertura	4,16 ± 0,44	4,65 ± 0,75	0	-6,985*	0,65
Abertura a Ideias	4,19 ± 0,74	4,59 ± 1,04	0,002	-3,390*	0,39
Liberalismo	4,45 ± 0,65	4,74 ± 1,05	0,008	-2,801*	0,28
Busca por Novidades	3,84 ± 0,88	4,61 ± 1,02	0	-5,460*	0,76

*: quando existe diferença significativa da média populacional ($p < 0,05$).

Fonte: elaboração própria

No intuito de verificar as diferenças quanto às expressividades dos traços dos homens e mulheres que compuseram a amostra, a Tabela 4 mostra o resultado do teste *t* de amostra independentes, onde foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para a dimensão Socialização ($p = 0,049$; $d = 0,48$) e as facetas Amabilidade ($p = 0,005$; $d = 0,71$) e Busca por Novidades ($p = 0,048$; $d = 0,48$).

TABELA 4: Comparação dos fatores por gêneros (teste *t* de amostras independentes).

Faceta	Feminino	Masculino	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>d</i>
Neuroticismo	3,45 ± 0,87	3,28 ± 0,79	0,390	0,865	0,21
Vulnerabilidade	3,98 ± 1,10	3,60 ± 1,01	0,138	1,500	0,36
Instabilidade Emocional	4,07 ± 1,46	3,65 ± 1,36	0,244	1,226	0,30
Passividade / Falta de Energia	3,45 ± 1,21	3,25 ± 0,94	0,771	-0,292	0,19
Depressão	2,31 ± 0,70	2,34 ± 0,77	0,886	-0,144	0,04
Extroversão	4,08 ± 0,77	4,07 ± 0,77	0,964	0,045	0,01
Comunicação	3,56 ± 1,20	3,54 ± 1,20	0,955	0,057	0,02
Altivez	3,19 ± 1,00	3,39 ± 0,95	0,419	-0,813	0,20
Dinamismo	4,54 ± 0,96	4,57 ± 0,83	0,856	-0,182	0,03
Interações Sociais	5,03 ± 0,92	4,78 ± 1,07	0,307	1,029	0,25
Socialização	5,45 ± 0,49	5,20 ± 0,54	0,049	2,001*	0,48
Amabilidade	5,74 ± 0,69	5,23 ± 0,75	0,005	2,894*	0,71
Pró-sociabilidade	5,86 ± 0,57	5,67 ± 0,75	0,242	1,180	0,28
Confiança nas Pessoas	4,76 ± 0,96	4,71 ± 0,83	0,813	0,238	0,06
Realização	4,99 ± 0,95	5,16 ± 0,58	0,357	-0,880	0,22
Competência	5,26 ± 0,96	5,43 ± 0,64	0,405	-0,802	0,21
Ponderação / Prudência	4,97 ± 1,26	5,08 ± 0,87	0,670	-0,410	0,10
Empenho / Comprometimento	4,74 ± 1,27	4,99 ± 0,94	0,351	-0,939	0,22
Abertura	4,35 ± 0,56	4,16 ± 0,44	0,108	1,631	0,38
Abertura a Ideias	4,32 ± 0,96	4,19 ± 0,74	0,529	0,614	0,15
Liberalismo	4,46 ± 0,81	4,45 ± 0,65	0,958	0,530	0,01
Busca por Novidades	4,28 ± 0,95	3,84 ± 0,88	0,048	2,017*	0,48

*: quando existe diferença significativa da média populacional ($p < 0,05$).

Fonte: elaboração própria.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Participaram desta pesquisa representantes de todas as regiões do Brasil (predominância geográfica no Sudeste), de diferentes níveis de escolaridade (variando de “ensino médio incompleto” a “ensino superior incompleto”, com predominância de atletas com ensino médio incompleto), todas as categorias de peso (com predominância de atletas da categoria Meio Médio) e idade. Além disso, a amostra desta pesquisa foi composta por atletas de judô convocados para a seleção brasileira de base, que representaram o país em competições internacionais de judô durante a temporada 2016-2017.

Ademais, faz-se necessário conhecer os fatores de personalidade predominantes em atletas de elite das categorias de base do judô em relação à população, agrupando por gêneros, uma vez que essa descrição auxilia uma abordagem otimizada aos atletas, pelo psicólogo do esporte junto à comissão técnica. Então, o objetivo do presente estudo foi investigar os traços de personalidade de judocas de elite da categoria de base brasileira. Essa pesquisa foi fundamentada na diferença de personalidade encontrada entre atletas e não-atletas, já difundida na literatura (MCKELVIE, LEMIEUX, STOUT, 2003; KAJTNA, *et al.*, 2004; BARA FILHO, RIBEIRO, GARCIA, 2005a; SHARIATI, BAKHTIARI, 2011; TOMCZACK, *et al.*, 2013; KRÓL-ZIELIŃSKA *et al.*, 2015;).

Na primeira parte, serão apresentados os resultados para a comparação das médias dos fatores (junto às facetas que apresentaram diferença significativa) da amostra feminina com as médias dos fatores da população feminina. Na segunda parte, serão apresentadas as comparações entre as médias dos fatores (junto às facetas que apresentaram diferença significativa) da amostra masculina com as médias dos fatores da população masculina. Por fim, serão analisadas as comparações das médias dos fatores, entre os gêneros da amostra.

No que concerne à comparação da média dos fatores da amostra e a média dos fatores da população feminina, foi encontrada diferença significativa somente para o fator Abertura (média $4,35 \pm 0,56$; $p = 0,002$), enquanto que os fatores Neuroticismo

(média $3,45 \pm 0,87$; $p = 0,206$), Extroversão (média $4,08 \pm 0,77$; $p = 0,051$), Socialização (média $5,45 \pm 0,49$; $p = 0,801$) e Realização (média $4,99 \pm 0,95$; $p = 0,899$) não apresentaram diferença. Quanto às facetas, houve diferenças para as facetas Comunicação (média $3,56 \pm 1,20$; $p = 0,002$); Altivez (média $3,19 \pm 1,00$; $p = 0,012$), que pertencem ao fator Extroversão; e Liberalismo (média $4,46 \pm 0,81$; $p = 0,007$), que pertence ao fator Abertura.

Diante do que a literatura aponta, foi tomado como hipótese que as médias dos fatores das amostras femininas, quando comparadas às médias dos fatores da população feminina, não apresentariam diferenças significativas para o fator Socialização, mas apontariam níveis mais baixos de Neuroticismo, e níveis mais altos de Extroversão, Realização e Abertura, e suas respectivas facetas (PIEDMONT, HILL, BLANCO, 1999; CAVALLERA, PASSERINI, PEPE, 2013; TOMCZAK *et al.*, 2013; BURDZICKA-WOLOWIK, GÓRAL-RADZISZEWSKA, 2014; IVKOVIĆ, MAVRA, MANDIĆ, 2016). Porém, de acordo com os resultados do presente estudo, a amostra feminina não apresentou diferença estatisticamente significativa para o fator Neuroticismo. Esse resultado vai de encontro com os resultados de Burdzicka-Wolowik e Góral-Radziszewska (2014), que avaliaram as características de personalidade em lutadoras (luta greco-romana, taekwon-do, boxe e judô), e observaram escores mais baixos do que em mulheres não-treinadas. A diferença entre os resultados do presente estudo e do estudo realizado por Burdzicka-Wolowik e Góral-Radziszewska (2014) pode estar relacionada às faixas etárias, visto que a amostra feminina do presente trabalho foi composta de atletas com idade entre 15 e 20 anos, e a amostra do estudo de Burdzicka-Wolowik e Góral-Radziszewska (2014), foi composta por atletas com faixa etária que variou de 17 a 36 anos. Essa diferença de idade entre as amostras dos dois estudos sugere uma influência da maturidade, pois, atletas mais velhos geralmente apresentam menores índices de Neuroticismo (HERNÁNDEZ, JIMÉNEZ, 2013).

O fator Extroversão também não apresentou diferença significativa entre amostra feminina e população feminina. O resultado encontrado pelo presente trabalho difere de do estudo de Tomczak *et al.* (2013), que apresentou uma média mais elevada nos níveis de Extroversão em atletas da categoria de base da seleção polonesa de luta greco-romana do que a população do país. Um estudo que corrobora com Tomczak

et al. (2013) foi realizado por Cavallera, Passerini, Pepe (2013), que observaram altos níveis de Extroversão em nadadoras recreativas italianas.

Essas diferenças podem ser evidenciadas diante da diferença cultural das modalidades. No Brasil, o judô é um esporte muito presente em comunidades de menor poder aquisitivo, onde são criados projetos sociais para acolher crianças e ensiná-las valores positivos do judô, como respeito e dedicação. Natação e luta greco-romana não são modalidades comumente encontradas em contextos economicamente mais frágeis, visto os custos para a manutenção de uma piscina. Quanto à luta greco-romana, é possível indicar a falta de representantes da modalidade, principalmente diante do reconhecimento do judô e jiu jitsu brasileiro, que torna essa modalidade pouco difundida no país.

Ademais, vale salientar que foram encontradas diferenças significativas, quanto ao nível de Comunicação e Altivez (facetas do fator Extroversão) das judocas em relação à população feminina, com um tamanho de efeito pequeno ($d = 0,48$ para ambas). Pela maioria dos estudos encontrados trataram somente do fator, não distinguindo as facetas, não foram encontrados estudos que apresentassem as facetas Comunicação e Altivez em atletas do gênero feminino. Apesar disso, é possível dizer que o resultado de Altivez do presente estudo sugere que a amostra pôde ser caracterizada por apresentar comportamento humilde, não contar vantagem devido aos seus bens e por conquistas pessoais, além de apresentar pouca necessidade de receber atenção das pessoas. Tal nível pode sugerir uma dificuldade do atleta em reconhecer suas qualificações e características favoráveis, mesmo quando evidentes (NUNES, HUTZ, NUNES, 2014). Quanto à faceta Comunicação, seu valor baixo pode caracterizar pessoas que não gostam de se expor publicamente, tendem a falar pouco sobre si e se constranger em situações sociais. Dessa forma, as atletas com baixos níveis de Altivez terão que desenvolver estratégias para que esse tipo de pensamento negativo, e a exposição midiática vinda do destaque em campeonatos não minem sua confiança no bom desempenho.

Conforme colocado como hipótese, quanto ao fator Socialização, não foram encontradas diferenças significativas entre as médias deste fator para as atletas da amostra, comparadas à média da população feminina. Esses resultados corroboram

com Tomczak *et al.* (2013), e com Butovskaya *et al.*, (2015), contudo, ambos estudos não abordaram essas diferenças significativas entre os dados das atletas e da população. Diante disso, é possível pensar que níveis significativamente diferentes dos valores normativos no fator Socialização não estejam presentes em amostras com atletas femininas de judô.

Não houve diferença significativa quanto ao fator Realização, quando comparado o valor da média da amostra feminina com a média da população feminina. Esse resultado vai ao encontro do estudo de Ivković, Mavra e Mandić (2016), que encontrou também altos níveis de Realização numa amostra com atletas universitárias de basquete. Pode-se hipotetizar que essa diferença foi fruto da diferença entre as amostras, sendo as jogadoras de basquete todas estudantes universitárias, e as judocas da amostra do presente estudo não necessariamente compartilhem essa característica.

No fator Abertura, foi encontrado um valor mais baixo da média da amostra feminina, quando comparado à média da população feminina. Esse resultado vai ao encontro de outros estudos de Tomczak *et al.*, 2013; Butovskaya, 2015, os quais apresentaram médias de níveis mais baixas de Abertura em mulheres atletas de boxe, judô, luta greco-romana e tae-kwon-do. Por outro lado, em um estudo de Burdzicka-Wolowik e Góral-Radziszewska (2014), resultados apontaram uma média mais alta para a amostra feminina em comparação à média população feminina referente ao fator Psicoticismo. Os pesquisadores, contudo, justificam-se ao comentar que esse resultado se relaciona não com definições psicóticas, mas com uma tendência a quebrar ideias tradicionais e apresentar uma maior flexibilidade mental, pois durante a luta o atleta precisa reagir imediatamente e predizer os movimentos do seu oponente. Contudo, mesmo se relacionando com uma ideia de busca por sensações diferentes (*sensation seeking*), tomada de risco, impulsividade (MILES, HEMPEL, 2003), é importante tomar cuidado ao entender esse fator de Eysenck, geralmente de conotação negativa, com um fator neutro que é a Abertura. Tomczak *et al.* (2013) sugerem que o nível baixo de Abertura pode estar relacionado às estratégias restritivas e concretas usadas no processo de treinamento, e a dificuldade em criar novas soluções nesse tipo de luta. Eles também sugerem que pode estar relacionado à estratégia de luta, onde atletas de alto nível, visto que chegaram a esse nível usando

técnicas familiares a elas, preferem manter essa estratégia familiar e seguir as orientações do treinador, invés de procurar soluções inovadoras por si próprio.

Quanto à amostra e população masculina, foram encontradas diferenças significativas para os fatores Realização (média $5,16 \pm 0,58$; $p = 0,022$) e Abertura (média $4,16 \pm 0,44$; $p < 0,001$), enquanto que os fatores Neuroticismo (média $3,28 \pm 0,79$; $p = 0,093$), Extroversão (média $4,07 \pm 0,77$; $p = 0,097$) e Socialização (média $5,20 \pm 0,54$; $p = 0,067$) não apresentaram tal diferença. Quanto às facetas, houve diferença somente para as facetas de Vulnerabilidade (média $3,60 \pm 1,01$; $p = 0,035$), Comunicação (média $3,54 \pm 1,20$; $p = 0,001$), Pró-Sociabilidade (média $5,67 \pm 0,75$; $p = 0,001$), Competência (média $5,43 \pm 0,64$; $p = 0,028$), Empenho/ Comprometimento (média $4,99 \pm 0,94$; $p = 0,030$); Abertura a Ideias (média $4,19 \pm 0,74$; $p = 0,002$), Liberalismo (média $4,45 \pm 0,65$; $p = 0,008$) e Busca por Novidades (média $3,84 \pm 0,88$; $p < 0,001$).

Na amostra masculina, quando comparada à média populacional, não foi encontrada diferença estatística no fator Neuroticismo. A literatura aponta baixos níveis de instabilidade emocional no esporte para homens atletas de diferentes esportes, como basquete sub-15 (MARÍN, *et al.*, 2012), futebol (AIDMAN, 2007), ju-jitsu e luta greco-romana (LITWINIUK *et al.*, 2009) e boxe e luta greco-romana (BÄCKMAND *et al.*, 2001), o que vai de encontro com os resultados do presente estudo. Contudo, foi encontrada diferença significativa na faceta Vulnerabilidade, que compõe o fator Neuroticismo, quando comparada à média populacional dos homens. Podemos pensar que esse resultado se apoia na maturação do jovem atleta de judô. No estudo de Ruíz-Barquín e García-Naveira (2013), atletas juniores entre 17-18 anos demonstraram níveis mais altos de Neuroticismo quando comparados com atletas adultos. Numa comparação de traços entre judocas espanhóis de faixas etárias diferentes, Ruíz-Barquín (2005) encontrou que atletas seniores (mais de 21 anos) apresentaram maiores escores de estabilidade emocional. O autor conclui que, apesar de fatores de maturação também influenciarem concomitantemente os atletas, a atividade esportiva é um fator importante tanto para o desenvolvimento da personalidade devido às experiências e exigências físicas, técnicas e psicológicas impostas pelo esporte de alto nível.

Também não foi encontrada diferença estatisticamente significativa no fator Extroversão, quando comparados os dados da amostra masculina e população masculina. A literatura tende a apontar a presença de valores mais altos das médias nesse fator em atletas quando com parados à dados normativos ou populacionais (BÄCKMAND *et al.*, 2001; MOKHTARI, HAGHI, 2014; BUTOVSKAYA *et al.*, 2015). Apesar de não haver diferença entre a amostra e a população quanto ao fator Extroversão, podemos apontar a presença de um valor mais baixo e significativamente diferente na faceta Comunicação, que compõe esse fator. Os atletas mostraram níveis mais baixos que as médias populacionais ($d = 0,57$), sugerindo uma tendência a não se expressarem em público, constrangerem-se em situações de maior exposição e falarem menos sobre si mesmo. Malinauskas *et al.* (2014) também não obtiveram diferenças significativas em um estudo com mais de 300 homens, atletas e não atletas. Entretanto, um estudo com caratecas de alto nível encontrou altos escores de extroversão quando comparados com não-atletas (PIEPORA, PIEPORA, WITKOWSKI, 2016), assim como Tomczak *et al.* (2013), que obtiveram diferenças significativas tanto para homens quanto mulheres atletas da seleção polonesa de luta greco-romana quando comparadas com os dados populacionais. Ruíz-Barquín e García-Naveira (2013) não encontraram maiores níveis de Extroversão em atletas acima 18 anos, exceto quando os comparados à atletas mais novos, corroborando com a ideia de que a idade pode influenciar nos níveis deste fator, o que poderia explicar os resultados encontrados na presente pesquisa. Uma possível justificativa também é que se espera esse valor maior de Extroversão para atletas de equipe, invés de atletas de modalidades individuais. (GARCÍA-NAVEIRA, RUÍZ-BARQUÍN, 2013).

Para o fator Socialização, também não foi achada diferença significativa na comparação da média da amostra masculina com a média da população masculina, exceto na faceta Pró-Sociabilidade. O estudo de Mokhtari e Haghi (2014), que comparou estudantes atletas e não atletas, encontrou um escore elevado desse fator para jovens atletas, o que vai de encontro com os resultados de Tandoc-Juan (2016), que encontrou uma média mais baixa de Socialização em atletas masculinos de basquete universitário, quando comparado com a população masculina. Em um estudo de Mia e Besharat (2010) foi encontrado que atletas de modalidades coletivas apresentam níveis mais elevados de Socialização quando comparados a atletas de

modalidades individuais. Dito isso, apesar de não terem sido encontrados argumentos que possam corroborar ou refutar com essa diferença, seja positiva ou negativa, quanto ao fator Socialização em atletas e não atletas, podemos deduzir que a presença ou não de uma equipe pode influenciar nesses valores.

O fator Realização apresentou média significativamente mais alta para a amostra masculina quando comparada com a populacional masculina. Esse resultado corrobora com o encontrado nos estudos feitos no futebol e futsal (MIRZAEI, NIKBAKSH, SHARIFIFAR, 2013), esportes coletivos, de força e de resistência (MALINAUSKAS *et al.*, 2014), e atletas de luta greco-romana (BUTOVSKAYA, *et al.*, 2015). Em um estudo longitudinal, Aidman (2007) encontrou que traços de personalidade, em combinação com um escore de potencial esportivo fornecido pelo treinador, poderiam distinguir aqueles jogadores que se tornaram profissionais ($n = 13$) para aqueles que abandonaram a prática ($n=19$) com 100% de precisão (84% dos atletas foram corretamente preditos somente com base nos traços de personalidade). Os resultados sugerem que o fator Realização pode afetar na predição de atletas de base no futebol que se profissionalizarão: atletas que chegaram ao profissional apresentaram níveis altos desse fator, quando comparados aos colegas de time que não conseguiram. Características ligadas à Realização talvez sejam as mais ligadas ao estereótipo de atleta: perseverante, movido por metas, disposto a alcançar seus objetivos mesmo que com sacrifícios. Diante da competitividade explícita no contexto esportivo, existe uma necessidade de buscar sempre seu melhor rendimento, o que significa dedicação ao treinamento, seja ele técnico-tático, físico ou psicológico.

O fator Abertura (e todas suas facetas, Abertura a Ideias, Liberalismo, e Busca por Novidades) apresentou diferença significativa, com um valor mais baixo da média da amostra masculina quando comparada com a população masculina. Apesar de estudos apontarem níveis mais altos desse fator em atletas de ambos os sexos, inclusive quando comparados esportes individuais e coletivos (ALLEN, GREENLEES, JONES, 2011; MADIC, *et al.*, 2015); no que concerne as lutas, Butovskaya *et al.* (2015) e Tomczak *et al.* (2013) encontraram médias mais baixas do fator Abertura para homens como judô, sambo, e luta greco-romana. Isso pode demonstrar um maior conservadorismo dos atletas, o que tende a se relacionar, com os princípios e o ponto de vista cultural das lutas (PIEPORA, PIEPORA, WITKOWSKI, 2016), que

pode influenciar no comportamento dos atletas. No judô, como em outras modalidades com hierarquias, existe um respeito pelos seus mestres, que é reafirmado desde o início. Esse fator pode estar relacionado também com a faceta Pró-Sociabilidade ($d = 0,40$), que apresentou diferença significativa para os homens da amostra, o que mostra uma tendência a respeitar autoridades, evitar situações de risco, transgressões de leis e normas. Trninić, Trninić e Penezić (2016) comentam que, quando comparados com atletas seniores, atletas de base tendem a apresentar escores mais baixos de Realização e Abertura. Isso seria devido a os atletas mais velhos tenderem a usar a razão e a racionalidade para tomar decisões, o que indica maiores níveis de maturidade.

Por fim, foram comparadas as médias entre as mulheres e os homens que compuseram a amostra. Somente o fator Socialização ($p = 0,049$; $d = 0,48$) apresentou diferença significativa, enquanto que não foram encontradas diferenças nos fatores Neuroticismo ($p = 0,360$), Extroversão ($p = 0,964$), Realização ($p = 0,357$) e Abertura ($p = 0,108$).

As mulheres que compuseram a amostra apresentaram uma média mais elevada quanto ao fator Socialização ($d = 0,48$) e sua faceta Amabilidade ($d = 0,71$), com relação aos homens da amostra. Esse resultado é esperado não só na literatura geral (FEINGOLD, 1994; COSTA, TERRACCIANO, MCCRAE, 2001), mas também no contexto esportivo. Apesar do estudo de García, González e Rojas Ruíz (2012) não encontrarem diferenças significativas entre traços de personalidade em uma amostra de esgrimistas espanhóis, nossos resultados vão ao encontro do que foi encontrado na pesquisa de Pelegrín - Muñoz, Serpa e Rosado (2013), em que foram achados níveis mais altos de Estabilidade Emocional (relacionado negativamente ao Neuroticismo), Dominância, Liderança, Autoconceito e Autoestima (qualidades relacionadas positivamente à Extroversão) em homens, enquanto que as mulheres se diferenciaram por escores mais altos de Ansiedade (relacionado positivamente ao Neuroticismo), Tolerância e Integridade/Honestidade (ligadas à Socialização). As mulheres da nossa amostra mostraram tendências a ações altruístas, serem mais empáticas, tolerantes, compreensivas, e a se preocuparem mais com o próximo. Os atletas masculinos também apresentaram uma média significativamente mais baixa na faceta Busca por Novidades, que compõe o fator Abertura, do que as atletas

femininas que compuseram a amostra. Apesar de não haver diferença significativa no fator Abertura, uma diferença na faceta pode demonstrar uma tendência aos valores do fator serem diferentes. Isso corrobora com o estudo de Gyomber, Lenart e Kovacs (2013) com 185 atletas de diferentes esportes, o qual encontrou níveis mais baixos de Abertura em homens atletas quando comparados com mulheres atletas. Esse resultado se assemelha com o presente estudo também no que concerne à idade dos participantes, com uma média próxima aos 20 anos.

Quanto às limitações do estudo, é possível citar a dificuldade em discutir dados encontrados referentes às facetas, quando a maioria dos artigos discute somente com fatores. Pelos fatores representarem um grupo amplo de características, composto pelas facetas (grupo mais específico), torna-se difícil debater facetas a partir de fatores (específico para o geral). Dessa forma, as comparações dos fatores podem ter sido sub ou supra estimadas, uma vez que a comparação foi somente dos traços, e não das facetas que compõem o escore do traço.

Outra limitação do estudo foi o acesso limitado à amostra de alto rendimento. Apesar de ter tido a oportunidade de fazer a coleta em um *training camp* onde atletas de alto rendimento do país todo estavam, foi um desafio organizar a aplicação para maximizar o número de atletas participantes devido à organização das atividades do evento. Contatos com clubes são relativamente fáceis, porém conseguir acesso aos atletas é pouco provável devido ao protecionismo dos clubes quanto aos seus atletas e receio da coleta interferir no treinamento ou descanso dos atletas. Uma maior abertura dos clubes para pesquisadores é vantajosa não só para a pesquisa em si, mas para o clube também, pois receberá informações valiosas sobre seus atletas, que podem ser trabalhados por um profissional de psicologia do esporte.

Como estudos futuros, mostra-se interessante investigar a comparação das diferenças entre as categoriais etárias (sub 18 e sub 21, por exemplo) e categorias de peso (leve e pesado, por exemplo). Pelo fato de a literatura mostrar tantas diferenças em função da idade, pesquisar sobre a sua influência nos traços, nas categorias diferentes, poderá proporcionar respostas a questões ainda inconclusivas.

6 CONCLUSÃO

Dessa forma, a partir dos resultados observados no presente estudo, podemos afirmar que foram encontradas diferenças quanto aos níveis de traços, baseadas na teoria dos cinco grandes fatores, em atletas brasileiros de judô de alto rendimento das categorias de base quando comparados com dados população. Atletas femininas apresentaram uma média mais baixa no fator Abertura do que a população feminina, enquanto que os atletas masculinos mostraram uma média mais alta no fator Realização e uma média mais baixa no fator Abertura do que os dados masculinos da população. Também foi encontrado um nível mais baixo de Socialização nos atletas masculinos quando comparados com as atletas femininas. Aspectos como a idade e sua questão maturacional, as diferenças entre esportes (coletivos e individuais) e gêneros (feminino e masculino), e a cultura do judô, com seus valores e questão moral, podem ter contribuído para essas diferenças encontradas na pesquisa e na literatura. Apontamos a cultura e seus princípios como possíveis influenciadores na prática contínua desse esporte, pensando numa maior tendência a pessoas com baixos níveis de Abertura (pessoas que questionem menos, tenham pensamento mais inflexível, sejam mais conservadoras) e com níveis altos de Realização (pessoas perseverantes, organizadas, orientadas às metas) a se envolverem com a modalidade.

Essas são características presentes não só em judocas, mas em atletas de alto rendimento que renunciam de diversas experiências a fim de atingir o seu objetivo profissional. Essas renúncias envolvem mudanças no cotidiano, alimentação regrada, diversas sessões de treino por dia, entre outros aspectos.

A presente pesquisa objetivou fornecer mais informações sobre os traços de personalidade de atletas de alto rendimento do judô da categoria de base do Brasil. Nosso estudo poderá auxiliar psicólogos do esporte a atentarem para características pessoais que podem ser vantajosas ou não para atletas, para que após essa identificação possa ser pensado na melhor forma de trabalhar esses pontos em favor do próprio atleta. Os traços de personalidade não vão impedir que um atleta sem essas características citadas chegue ao alto rendimento do judô, porém podem fazer dessa jornada ao topo uma experiência mais difícil e passível de muita adaptação.

REFERÊNCIAS

- AIDMAN, E. V. Attribute-based selection for success: The role of personality attributes in long term predictions of achievement in sport. **The Journal of the American Board of Sport Psychology**, v. 3, p. 1-18, 2007.
- ALLEN, M. S.; GREENLEES, I.; JONES, M. An investigation of the five-factor model of personality and coping behaviour in sport. **Journal of sports sciences**, v. 29, n. 8, p. 841-850, 2011.
- ALLEN, M. S.; GREENLEES, I.; JONES, M. Personality in sport: A comprehensive review. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 6, n. 1, p. 184-208, 2013.
- ALLEN, M. S.; LABORDE, S. The role of personality in sport and physical activity. **Current Directions in Psychological Science**, v. 23, n. 6, p. 460-465, 2014.
- ALLEN, M. S.; VELLA, S. A.; LABORDE, S. Sport participation, screen time, and personality trait development during childhood. **British Journal of Developmental Psychology**, v. 33, n. 3, p. 375-390, 2015.
- ANDRUSCHYSHYN, J.; TEN, A. Personal and Motivational Characteristics of High Calibre Judoists. **World Applied Sciences Journal**, v. 27, n. 2, p. 280-284, 2013.
- BÄCKMAND, H. *et al.* Personality and mood of former elite male athletes-a descriptive study. **International journal of sports medicine**, v. 22, n. 3, p. 215-221, 2001.
- BARA FILHO, M. G.; RIBEIRO, L. C.; GARCÍA, F. Comparação de características da personalidade entre atletas brasileiros de alto rendimento e indivíduos não-atletas. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 11, n. 2, p. 115-120, 2005a.
- BARA FILHO, M. G.; RIBEIRO, L. C.; GARCÍA, F. Personalidade de atletas brasileiros de alto-rendimento: Comparações entre os gêneros masculino e feminino e correlação com nível competitivo e tempo de treinamento. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 5, n. 1, p. 31-39, 2005b.
- BERENGÜÍ, R. *et al.* Personalidad y lesiones en el alto rendimiento deportivo en modalidades individuales. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**, v. 12, n. 1, 2017.
- BERENGÜÍ-GIL, R.; GARCÉS DE LOS FAYOS, E. J.; HIDALGO-MONTESINOS, M. D. Características psicológicas asociadas a la incidencia de lesiones en deportistas de modalidades individuales. **Anales de psicología**, v. 29, n. 3, p. 674-684, 2013.
- BOROWIAK, W. *et al.* Effect of interval training in the pre-competition phase on aerobic capacity and peak power in judo contestants at high sports skill level. **Journal of Combat Sports and Martial Arts**, v. 5, n. 2, p. 73-75, 2014.

BRINKMAN, C.; WEINBERG, R.; WARD, R. The Big Five personality model and self-determined motivation in sport. **International Journal of Sport Psychology**, v. 47, n. 5, p. 389-407, 2016.

BUCCHA, A. N. Empathy Personality and Hostility among Sportsmen. **International Journal of Interdisciplinary and Multidisciplinary Studies (IJIMS)**, v. 2, n. 5, p. 79-80. 2015.

BURDZICKA-WOŁOWIK, J.; GÓRAL-RADZISZEWSKA, K. Selected personality traits of women training combat sports. **Polish Journal of Sport and Tourism**, v. 21, n. 1, p. 3-7, 2014.

BUTOVSKAYA, P. R. *et al.* The relationship between polymorphism of four serotonic genes (5-HTTL, 5-HT1A, 5-HT2A, and MAOA) and personality traits in wrestlers and control group. **Molecular Genetics, Microbiology and Virology**, v. 30, n. 4, p. 165-172, 2015.

CASALS, C. *et al.* Special judo fitness test level and anthropometric profile of elite spanish judo athletes. **Journal of Strength and Conditioning Research**, 2016.

CATTELL, R. B. Confirmation and clarification of primary personality factors. **Psychometrika**, v. 12, n. 3, p. 197-220, 1947.

ČAVALA, M. *et al.* The Influence of Somatotype Components and Personality Traits on the Playing Position and the Quality of Top Croatian Female Cadet Handball Players. **Collegium Antropologicum**, v. 37, n. 2, p. 97-100, 2013.

CAVALLERA, G. M.; PASSERINI, A.; PEPE, A. Personality traits and the role of gender in swimmers at the leisure level. **Social Behavior and Personality: an international journal**, v. 41, n. 4, p. 693-703, 2013.

CBJ - CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **História do Judô**. Disponível em: <http://www.cbj.com.br/historia_do_judo/>. Acesso em: 10 fev. 2017.

CBJ (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ). **Ranking Nacional das Equipes de Base, 2017**. Disponível em: <http://www.cbj.com.br/painel/arquivos/documentos_oficiais/172227221116ranking-nacional-das-equipes-de-base-2017.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2017.

CHAPMAN, B. P. *et al.* Gender differences in Five Factor Model personality traits in an elderly cohort. **Personality and individual differences**, v. 43, n. 6, p. 1594-1603, 2007.

CHI, M. T. H. Two approaches to the study of experts' characteristics. **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**, p. 21-30, 2006.

COE, R. It's the effect size, stupid: what effect size is and why it is important. **Presented at the Annual Conference of the British Educational Research Association**, University of Exeter, England, Education-line, 2002.

COHEN, J. The Earth is round ($p < .05$). **The American Psychologist**, v. 49, n. 12, p. 997-1003, 1994.

COSTA JR, P.; TERRACCIANO, A.; MCCRAE, R. R. Gender differences in personality traits across cultures: robust and surprising findings. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 81, n. 2, p. 322-331, 2001.

DHESI, S. S.; SINGH-BAL, B. Analysis of the Personality Traits of Athletes in Individual and Team Sports. **International Journal Of Education And Applied Research**, v. 2, n. 2, p. 9-11, 2012.

DIGMAN, J. M. Historical Antecedents of the Five-Factor Model. In: COSTA, P. T.; WIDIGER, T. A. (Orgs.), **Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality**, 2 ed, Washington: American Psychological Association, 2002. p. 17-22.

DIGMAN, J. M. Personality structure: Emergence of the five-factor model. **Annual review of psychology**, v. 41, n. 1, p. 417-440, 1990.

DOANE, D. P.; SEWARD, L. E. Measuring skewness: a forgotten statistic. **Journal of Statistics Education**, v. 19, n. 2, p. 1-18, 2011.

DORAK, F. The Relationship between Personality and Sportspersonship Orientations. **Anthropologist**, v. 19, n. 3, p. 597-601, 2015.

DROSDECK, J. M. *et al.* Surgeon and non-surgeon personalities at different career points. **Journal of Surgical Research**, v. 196, n. 1, p. 60-66, 2015.

DURLAK, J. A. How to select, calculate, and interpret effect sizes. **Journal of pediatric psychology**, v. 34, n. 9, p. 917-928, 2009.

EYSENCK, H. J.; NIAS, D. K. B.; COX, D. N. Sport and personality. **Advances in Behaviour Research and Therapy**, v. 4, n. 1, p. 1-56, 1982.

FEINGOLD, A. Gender differences in personality: a meta-analysis. **Psychological bulletin**, v. 116, n. 3, p. 429, 1994.

FERGUSON, C. J. An effect size primer: A guide for clinicians and researchers. **Professional Psychology: Research and Practice**, v. 40, n. 5, p. 532-538, 2009.

FRANCHINI, E. *et al.* Physiological profiles of elite judo athletes. **Sports Medicine**, v. 41, n. 2, p. 147-166, 2011.

FRANCHINI, E.; PANISSA, V. L. G.; JULIO, U. F. Physiological and Performance Responses to Intermittent Uchi-komi in Judo. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 27, p. 1147-1155, 2013.

GARCÍA, C. R.; GONZÁLEZ, M. C.; ROJAS RUIZ, F. J. Perfil psicológico en esgrimistas de alto rendimiento. **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 7, n. 19, 2012.

GARCÍA-MAS, A.; ESTRANY, B.; CRUZ, J. Cómo recoger la información en psicología de la actividad física y el deporte: Tres ejemplos y algunas consideraciones. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 4, n. 1-2, p.129-151, 2004.

GARCÍA-NAVEIRA, A.; RUÍZ-BARQUÍN, R. La personalidad del deportista: una revisión teórica desde la perspectiva de rasgos. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte**, v. 13, n. 51, p. 627-645, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed., São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDBERG, L. R. An alternative" description of personality": the big-five factor structure. **Journal of personality and social psychology**, v. 59, n. 6, p. 1216, 1990.

GOULD, D.; DIEFFENBACH, K.; MOFFETT, A. Psychological characteristics and their development in Olympic champions. **Journal of applied sport psychology**, v. 14, n. 3, p. 172-204, 2002.

GOUVEIA, V. V.; PRIETO, J. M. A estrutura do 16PF-5, versão espanhola: uma análise fatorial dos itens. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 217-225, 2004.

GUIMARÃES, M. B.; PAOLI, P. B. O treinamento técnico por posição no futebol: as especificidades na percepção dos técnicos de categorias de base do futebol mineiro. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 4, n. 1, p. 42-53, 2013.

GYOMBER, N.; LENART, A.; KOVACS, K. Differences between personality characteristics and sport performance by age and gender. **Acta Facultatis Educationis Physicae Universitatis Comenianae**, v. 1, n. 3/2, p. 5-15, 2013.

HERNÁNDEZ, J. G; JIMÉNEZ, A. V. Personalidad y respuesta psicológica en deportistas. Representación temporal y adaptativa del proceso persona-deporte (Personality and psychological response in athletes. Temporal and adaptive representation of the person-sport process). **Retos**, n. 30, p. 211-215, 2016.

IJF (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION). IJF Estatutes (Swiss Association), 2015. Disponível em: <<https://www.ijf.org/ijf/documents>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

IJF (INTERNATIONAL JUDO FEDERATION). Sports and organization rules of the International Judo Federation, 2017. Disponível em: <http://99e89a50309ad79ff91d-082b8fd5551e97bc65e327988b444396.r14.cf3.rackcdn.com/up/2017/03/2017_IJF_SOR_version_19-03-201-1490788080.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

IVKOVIĆ, G.; MAVRA, N.; MANDIĆ, G. F. Personality traits among croatian women basketball players that play on different positions in the team. **Acta Kinesiologica**, v. 10, n. 2, p. 31-34, 2016.

KAISELER, M.; POLMAN, R. CJ; NICHOLLS, A. R. Effects of the Big Five personality dimensions on appraisal coping, and coping effectiveness in sport. **European Journal of Sport Science**, v. 12, n. 1, p. 62-72, 2012.

KAJTNA, T. *et al.* Personality in high-risk sports athletes. **Kineziologija**, v. 36, n. 1, p. 24-34, 2004.

KASUM, G. *et al.* Personality characteristics of Serbian male wheelchair and professional basketball players. **Acta Gymnica**, v. 42, n. 2, p. 41-47, 2012.

KOMARRAJU, M.; KARAU, S. J.; SCHMECK, R. R. Role of the Big Five personality traits in predicting college students' academic motivation and achievement. **Learning and individual differences**, v. 19, n. 1, p. 47-52, 2009.

KRÓL-ZIELIŃSKA, M. *et al.* The personality of highly trained athletes in view of the Big Five Model. **Antropomotoryka. Journal of Kinesiology and Exercise Sciences**, v.72, n.25, p.29-34, 2015.

LITWINIUK, A. *et al.* Structure of personality of person training ju-jitsu and wrestling. **Archives of Budo**, v. 5, p. 139-141, 2009.

MALINAUSKAS, R. *et al.* Personality traits and exercise capacity in male athletes and non-athletes. **Perceptual and motor skills**, v. 118, n. 1, p. 145-161, 2014.

MARÍN, A. A. *et al.* Características de la personalidad de jóvenes jugadores de baloncesto (15-under). **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 12, n. 1, p. 135-138, 2012.

MCCANN, S. C.; JOWDY, D. P.; VAN RAALTE, J. L. Avaliação em Psicologia do Esporte. In: VAN RAALTE, J. L.; BREWER, B. W. **Psicologia do Esporte**. 2 ed. São Paulo: Santos, 2011.

MCCRAE, R. O que é personalidade? In: FLORES-MENDOZA, C.; COLOM, R. **Introdução às diferenças individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 203-218.

MCCRAE, R. R.; COSTA, P. T. A five-factor theory of personality. **Handbook of personality: Theory and research**, v. 2, p. 139-153, 1999.

MCCRAE, R. R.; COSTA, P. T. Personality trait structure as a human universal. **American psychologist**, v. 52, n. 5, p. 509, 1997.

MCCRAE, R. R. *et al.* Nature over nurture: temperament, personality, and lifespan development. **Journal of personality and social psychology**, v. 78, n. 1, p. 173, 2000.

MCCRAE, R. R.; JOHN, O. P. An introduction to the five-factor model and its applications. **Journal of Personality**, v. 60, n. 2, p. 175-215, 1992.

MCDOUGALL, W. Of the words character and personality. **Journal of Personality**, v. 1, n. 1, p. 3-16, 1932.

MCKELVIE, S. J.; LEMIEUX, P.; STOUT, D. Extraversion and neuroticism in contact athletes, no contact athletes and non-athletes: A research note. **Athletic insight**, v. 5, n. 3, p. 19-27, 2003.

MIARKA, B. **Modelagem das interações técnicas e táticas em atletas de judô: comparações entre categoria, nível competitivo e resultados de combates do circuito**

mundial de judô e dos jogos olímpicos de Londres. Tese (doutorado) – Programa de Pós Graduação da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MILAVIĆ, B. *et al.* Relations of Personality Dimensions and Team Situational Efficiency In Youth Female Volleyball Players. **Research In Physical Education, Sport And Health**, v. 2, n. 2, p. 3-9, 2013.

MILES, J.; HEMPEL, S. The Eysenck personality scales: The Eysenck personality questionnaire-revised (EPQ-R) and the Eysenck personality profiler (EPP). Em: HERSEN, M. (Ed.) **Comprehensive handbook of psychological assessment**, v. 2, p. 99-107, 2004.

MIRZAEI, A.; NIKBAKHSR, R.; SHARIFIFAR, F. The relationship between personality traits and sport performance. **European Journal of Experimental Biology**, v. 3, n. 3, p. 439-442, 2013.

MOKHTARI, P.; HAGHI, M. The comparison of five personality factors between athlete and non-athlete students. **Indian Journal of Science and Research**, v. 3, n. 1, p. 350-354, 2014.

MORALES, J. *et al.* The Work Endurance Recovery Method for Quantifying Training Loads in Judo. **International journal of sports physiology and performance**, 2016.

MORRIS, T. Psychological characteristics and talent identification in soccer. **Journal of sports sciences**, v. 18, n. 9, p. 715-726, 2000.

MROCZKOWSKI, M. *et al.* Dependent personality, separation anxiety disorder and other anxiety disorders in OCD. **Personality and mental health**, v. 10, n. 1, p. 22-28, 2016.

NAKANO, T. Problemas apresentados pelos instrumentos com parecer desfavorável no SATEPSI. **Avaliação Psicológica**, v. 12, n. 2, 2013.

NIA, M. E.; BESHARAT, M. A. Comparison of athletes' personality characteristics in individual and team sports. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 5, p. 808-812, 2010.

NOCE, F. *et al.* Psychological indicators of overtraining in high level judo athletes in pre - and post-competition periods. **Archives of Budo**, v. 10, p. 245-251, 2014.

NUNES, A. V.; RUBIO, K. As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 4, p. 667-678, 2012.

NUNES, C. H. S.; HUTZ, C. S. Construção e validação da escala fatorial de socialização no modelo dos cinco grandes fatores de personalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 1, p. 20-25, 2007.

NUNES, C. H. S.; HUTZ, C. S. Construção e validação de uma escala de extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. **Psico-USF**, v. 11, n. 2, p. 147-155, 2006.

NUNES, C. H. S.; HUTZ, C. S.; NUNES, M. F. O. **Bateria Fatorial de Personalidade: manual técnico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

OLIVEIRA, T.M.V. Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e cotas. **Revista Administração On Line**, v. 2, n. 3, 2001.

PARMA, J. O. *et al.* Relation of personality traits and decision-making in wheelchair tennis players. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, p. 1-12, 2017.

PEIXOTO, E. M.; NAKANO, T. C. Problemas e Perspectivas na utilização dos testes psicológicos em psicologia do esporte. In: CAMPOS, C. R.; NAKANO, T. C. **Avaliação Psicológica direcionada a populações específicas**. São Paulo: Vetor, p. 201-231, 2014.

PELEGRÍN-MUÑOZ, A.; SERPA, S. ROSADO, A. Aggressive and unsportsmanlike behaviours in competitive sports: an analysis of related personal and environmental variables. **Anales de Psicología/Annals of Psychology**, v. 29, n. 3, p. 701-713, 2013.

PERVIN, L. A.; JOHN, O. P. **Personalidade: teoria e pesquisa**. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PESCA, A. **Avaliação da eficácia de treinamento na percepção de treinadores de modalidades esportivas**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PIEDMONT, R. L.; HILL, D. C.; BLANCO, S. Predicting athletic performance using the five-factor model of personality. **Personality and Individual Differences**, v. 27, n. 4, p. 769-777, 1999.

PIEPIORA, P.; PIEPIORA, D.; WITKOWSKI, K. Personality of the karatekas versus kumite sport fight systems (in view of the karate culture as the regulator of this interdependence). **Journal of Combat Sports & Martial Arts**, v. 7, n. 1, 2016.

PINHO, C. C. M.; GUZZO, R. S. L. Taxonomia de adjetivos descritores de personalidade. **Avaliação Psicológica**, v. 2, n. 2, p. 81-97, 2003.

POROPAT, A. E. A meta-analysis of the five-factor model of personality and academic performance. **Psychological bulletin**, v. 135, n. 2, p. 322, 2009.

RABELO, I.S. **Investigação de traços de personalidade em atletas brasileiros: análise da adequação de uma ferramenta de avaliação psicológica**. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RAZALI, N. M.; WAH, Y. B. Power comparisons of shapiro-wilk, kolmogorov-smirnov, lilliefors and anderson-darling tests. **Journal of statistical modeling and analytics**, v. 2, n. 1, p. 21-33, 2011.

RHODES, R. E.; SMITH, N. E. I. Personality correlates of physical activity: a review and meta-analysis. **British journal of sports medicine**, v. 40, n. 12, p. 958-965, 2006.

ROBERTS, B. W.; DAVIS, J. P. Young Adulthood Is the Crucible of Personality Development. **Emerging Adulthood**, v. 4, n. 5, p. 318-326, 2016.

ROBERTS, B. W.; DEL VECCHIO, W. F. The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age: a quantitative review of longitudinal studies. **Psychological bulletin**, v. 126, n. 1, p. 3, 2000.

ROBERTS, B. W. *et al.* A Systematic Review of Personality Trait Change Through Intervention. **Psychological Bulletin**, v. 143, n. 2, p. 117-141, 2017.

RUIZ-BARQUÍN, R. Análisis de las diferencias de personalidad en el deporte del judo a nivel competitivo en función de la variable sexo y categoría de edad deportiva. **Cuadernos de psicología del deporte**, v. 5, 2005.

RUIZ-BARQUÍN, R.; GARCÍA-NAVEIRA, A. Personalidad, edad y rendimiento deportivo en jugadores de fútbol desde el modelo de Costa y McCrae. **Anales de psicología**, v. 29, n. 3, p. 642-655, 2013.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas**. 2 ed. São Paulo: Manole, 2009.

SHAPIRO, S. S.; WILK, M. B. An analysis of variance test for normality (complete samples). **Biometrika**, v. 52, n. 3/4, p. 591-611, 1965.

SHARIATI, M.; BAKHTIARI, S. Comparison of personality characteristics athlete and non-athlete student, Islamic Azad University of Ahvaz. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 30, p. 2312-2315, 2011.

SMITH, R. E.; CHRISTENSEN, D. S. Psychological skills as predictors of performance and survival in professional baseball. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 17, n. 4, p. 399-415, 1995.

STERKOWICZ-PRZYBYCIEŃ, K.; GRYGIEL, E. Coping strategies used by professional combat sports fighters vs. untrained subjects. **Archives of Budo**, v. 1, n. 10, p. 17-22, 2014.

SULLIVAN, G. M.; FEINN, R. Using effect size—or why the P value is not enough. **Journal of graduate medical education**, v. 4, n. 3, p. 279-282, 2012.

SWANN, C.; MORAN, A.; PIGGOTT, D. Defining elite athletes: Issues in the study of expert performance in sport psychology. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 16, p. 3-14, 2015.

TANDOC-JUAN, M. V. Personality Characteristics of Male Basketball Athletes. **Imperial Journal of Interdisciplinary Research**, v. 2, n. 7, 2016.

TOMCZAK, M. *et al.* Personality traits and stress coping styles in the Polish National Cadet Wrestling Team. **Archives of Budo**, v. 9, n. 3, p. 161-168, 2013.

TRNINIĆ, V.; BARANČIĆ, M.; NAZOR, M. The five-factor model of personality and aggressiveness in prisoners and athletes. **Kinesiology**, v. 40, n. 2, 2008.

TRNINIĆ, V.; TRNINIĆ, M.; PENEZIĆ, Z. Personality differences between the players regarding the type of sport and age. **Acta Kinesiologica**, v. 10, n. 2, p. 69-74, 2016.

TUPES, E.; CHRISTAL, R. Recurrent personality factors based on trait ratings. **Journal of personality**, v. 60, n. 2, p. 225-251, 1992.

VASCONCELLOS, S.; HUTZ, C. Construção e validação de uma escala de abertura à experiência. **Avaliação Psicológica**, v. 7, n. 2, p. 135-141, 2008.

WALITZER, K. S.; DEARING, R. L. Characteristics of alcoholic smokers, nonsmokers, and former smokers: personality, negative affect, alcohol involvement, and treatment participation. **Nicotine & Tobacco Research**, v. 15, n. 1, p. 282-286, 2013.

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2 ed. Porto alegre: Artmed, 2008.

WILKINSON, L.; TASK FORCE ON STATISTICAL INFERENCE, APA BOARD OF SCIENTIFIC AFFAIRS. Statistical Methods in Psychology Journals: Guidelines and Explanations'. **American Psychologist**, v. 54, n. 8, p. 594-604, 1999.


ZANON, C.; HUTZ, C. Propriedades psicométricas da Escala Fatorial de Neuroticismo e do Questionário de Ruminação e Reflexão. **Avaliação Psicológica**, v. 8, n. 2, p. 279-281, 2009.

ANEXOS**ANEXO 1 – APROVAÇÃO DO PROJETO NO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA****UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP****Projeto: CAAE – 64099317.5.0000.5149****Interessado(a): Prof. Franco Noce Depto.
Esportes
EEFFTO- UFMG****DECISÃO**

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 19 de abril de 2017, o projeto de pesquisa intitulado “**Investigação dos traços de personalidade em judocas brasileiros federados**”, bem como:

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto através da Plataforma Brasil.


Profa. Dra. Vivian Resende
Coordenadora do COEP-UFMG

ANEXO 2: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PROCEDIMENTOS

UFMG

EEFFTO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA, FISIOTERAPIA E
TERAPIA OCUPACIONALUniversidade Federal de Minas
Gerais – UFMG
Laboratório de Psicologia do
Esporte - LAPES

Termo de Autorização de Procedimentos

Título da Pesquisa:

Investigação dos traços de personalidade em judocas brasileiros federados

Responsável:

Prof. Dr. Franco Noce (Laboratório de Psicologia do Esporte / UFMG)

Eu Marcelo Theotônio da Silva, responsável pela instituição Confederação Brasileira de Judô - Equipes de Base, autorizo a realização da pesquisa supracitada, coordenada pelo Prof. Dr. Franco Noce e realizada pelo discente André Torres de Lima da UFMG.

Compreendo e concordo com os termos abaixo relacionados para autorização do desenvolvimento do referido projeto:

1. Entendo que os voluntários serão submetidos ao preenchimento de um questionário sociodemográfico e da Bateria Fatorial de Personalidade (BFP).
2. Entendo que os voluntários receberão informações sobre o desenvolvimento do projeto e, caso concordem com a participação, assinarão o termo de consentimento livre e esclarecido.
3. Entendo que os responsáveis do projeto farão uma devolutiva via e-mail a ser combinado com o responsável da equipe e que este deverá registrar através de formulário próprio que esta ação foi devidamente concluída.
4. Entendo e autorizo que os dados deste projeto poderão ser publicados em revistas científicas da área.

Rio de Janeiro, 16 de março de 2017.

Marcelo Theotônio – Gestor das categorias de base da Confederação Brasileira de Judô

ANEXO 3: AUTORIZAÇÃO DO INSTRUMENTO BFP PARA FINS DE PESQUISA (VIA E-MAIL)

Em 18 de jan de 2017, à(s) 14:04, Andre Lima <andretorreslima@gmail.com> escreveu:

Olá Prof Carlos,

meu nome é André Lima, sou psicólogo e mestrando do PPG em Ciências do Esporte da UFMG, sob orientação do Prof Dr Franco Noce. Meu projeto almeja investigar os traços de personalidade em judocas federados brasileiros, e minha coleta foi confirmada hoje para ser realizada esse fim de semana em Pindamonhagaba - SP. Vou coletar durante um treinamento da categoria de base da Confederação Brasileira de Judô, com cerca de 80 atletas da categoria sub-18 e 80 da sub-21. Com intuito de otimizar o tempo de coleta (terei pouquíssimo tempo para realizar a coleta com os atletas), gostaria de perguntar sobre a possibilidade do senhor autorizar a produção de cópias dos cadernos de aplicação **para serem usadas somente nessa pesquisa**. Conversando com a Gabriela, sua orientanda de Doutorado (somos colegas na área da Psicologia do Esporte, e amigos pessoais), surgiu a ideia de pedir autorização para fazer cópias dos cadernos para fins de pesquisa, pois ela comentou que já ocorreu em outras situações. Já tenho os 5 cadernos que vêm no kit, e gostaria de fazer 11 cópias. Devo adquirir as folhas de resposta da BFP ainda amanhã, mas gostaria de ver a questão dos cadernos com o senhor. Envio abaixo o resumo da minha pesquisa, para que possa sanar alguma dúvida, e me deixo à disposição para qualquer questionamento.

Conhecer possíveis perfis de personalidade em atletas de alto rendimento sempre foi uma meta dos pesquisadores em psicologia do esporte. Na busca pelo alto nível, mostra-se importante mapear as características do atleta para auxiliar no desenvolvimento do mesmo e no manejo e estímulo dele, pelo treinador e comissão técnica. O objetivo deste estudo é investigar os traços de personalidade predominantes em judocas brasileiros federados. A amostra será formada por atletas brasileiros de judô federados, de qualquer das sete categorias de peso, masculino (<60kg, 66kg, 73kg, 81kg, 90kg, 100kg e >100kg) e feminino (<48kg, 52kg, 57kg, 63kg, 70kg, 78kg e >78kg). Para coleta de dados serão utilizados o Questionário Sociodemográfico (perfil da amostra) e a Bateria Fatorial de Personalidade (para análise dos traços de personalidade). Baseado na literatura e considerando características esperadas em atletas competitivos (como elevada autoestima, proatividade, perseverança, entre outros) e pelo esporte em questão, de acordo com a Teoria dos Cinco Grandes Fatores, espera-se encontrar escores altos de Socialização e Realização, e moderados de Extroversão, além de escores mais baixos nas facetas da dimensão Neuroticismo e Abertura à novas experiências.

Att.,

--

André Lima

(31) 99951-0621

CRP: 04/44489

Psicólogo graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Pós-graduando em Ciências do Esporte pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Membro do LAPES - Laboratório de Psicologia do Esporte da UFMG

----- Mensagem encaminhada -----

De: **Carlos Henrique Nunes** <carloshnunes@mac.com>

Data: 19 de janeiro de 2017 09:50

Assunto: Re: Cadernos de aplicação - BFP

Para: Andre Lima <andretorreslima@gmail.com>

Bom dia Andre,

Tudo bem contigo? Responderei brevemente pois estou no meio de uma reforma em meu apartamento e tenho que acompanhar os trabalhos que estão sendo realizados.

A Gabriela conversou comigo e, de fato, seu projeto é bem interessante e de grande relevância. Sobre a autorização de cadernos de aplicação, tenho uma autorização extremamente pontual da Casa do Psicólogo (atual Pearson) para fazer em casos específicos no contexto de pesquisa. Na verdade, todos os direitos da BFP são da Editora.

Considerando a relevância do seu trabalho e a urgência para a coleta de dados, estou te passando uma versão de pesquisa que tenho da BFP. Mando o caderno de aplicação (o qual pode ser reutilizado) e a folha de respostas que uso em algumas situações de pesquisa. A folha de respostas solicita dados que provavelmente não utilizarás. Quando fores dar as instruções, indique aos respondentes que dados eles realmente devem informar.

Um abraço

Carlos

Prof. Dr. Carlos Henrique Nunes

Universidade Federal de Santa Catarina

Departamento de Psicologia

Laboratório de Pesquisa em Avaliação Psicológica - LPAP
<http://lpap.paginas.ufsc.br/>

Fone: (48) 3721-9904

ANEXO 4: AUTORIZAÇÃO DA PUBLICAÇÃO DAS TABELAS NORMATIVAS PARA
FINS DE PESQUISA (VIA E-MAIL)

Em Qua, 20 Set at 2:39 PM , Andre Lima <andretorreslima@gmail.com> escreveu:
Olá,

meu nome é André Lima, sou psicólogo, estou terminando meu mestrado em Ciências do Esporte no PPGCE da UFMG e utilizei a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) no meu estudo. Gostaria de saber a possibilidade de anexar as tabelas de referência da população no meu estudo, visto que meu objetivo principal foi de comparar a expressividade dos traços de personalidade entre atletas de judô e população normal. Peço isso pois daria mais valor ao estudo, mostrando os valores que me baseei, invés de somente mostrar a referência do manual técnico.

Fico no aguardo do retorno. Obrigado e tenha um ótimo dia.

Att.,

--

André Lima
(31) 99951-0621
CRP: 04/44489
Psicólogo graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Pós-graduando em Ciências do Esporte pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Membro do LAPES - Laboratório de Psicologia do Esporte da UFMG

De: **Pearson Clinical Brasil** <support@pearsonclinicalbrasil.freshdesk.com> Data: 20 de setembro de 2017 14:49

Assunto: Re: Tabelas normativas BFP - Manual Técnico, 1a impressão, 2014.

Para: andretorreslima@gmail.com

Boa tarde André,

Há sim a possibilidade de anexar a tabela, desde que seja devidamente referenciada no trabalho. Também há a opção de apenas digitar os dados, mantendo as referências conforme normas do trabalho.

Ficamos à disposição.

Att.

ANEXO 5: TABELA DE VALORES NORMATIVOS BFP (NUNES, HUTZ, NUNES, 2014)

Tabela 60

Média e Desvio Padrão de Neuroticismo em Função do Sexo dos Participantes

		N1	N2	N3	N4	NEUROTICISMO
Homens	Válidos	1068	1061	754	1063	1059
	Média	3,25	3,43	3,47	2,36	3,06
	Desvio Padrão	1,18	1,37	1,22	1,14	1,00
Mulheres	Válidos	2196	2182	1569	2182	2176
	Média	3,61	3,80	3,44	2,32	3,25
	Desvio Padrão	1,23	1,42	1,25	1,09	0,99

Tabela 61

Média e Desvio Padrão de Extroversão em Função do Sexo dos Participantes

		E1	E2	E3	E4	EXTROVERSÃO
Homens	Válidos	1076	988	591	1076	987
	Média	4,24	3,67	4,78	4,74	4,28
	Desvio Padrão	1,22	1,04	0,99	1,08	0,83
Mulheres	Válidos	2071	1932	1267	2073	1931
	Média	4,31	3,67	4,79	4,86	4,36
	Desvio Padrão	1,31	1,08	1,04	1,12	0,88

Tabela 62

Média e Desvio Padrão de Socialização em Função do Sexo dos Participantes

		S1	S2	S3	SOCIALIZAÇÃO
Homens	Válidos	1076	1078	1076	1076
	Média	5,32	5,23	4,57	5,04
	Desvio Padrão	0,99	1,10	1,01	0,80
Mulheres	Válidos	2210	2214	2214	2213
	Média	5,73	5,77	4,80	5,43
	Desvio Padrão	0,87	0,91	1,00	0,68

Tabela 63

Média e Desvio Padrão de Realização em Função do Sexo dos Participantes

		R1	R2	R3	REALIZAÇÃO
Homens	Válidos	756	743	755	754
	Média	5,19	4,99	4,65	4,94
	Desvio Padrão	0,93	1,17	1,06	0,84
Mulheres	Válidos	1570	1544	1572	1571
	Média	5,17	4,89	4,84	4,97
	Desvio Padrão	0,92	1,21	1,06	0,80

Tabela 64

Média e Desvio Padrão de Abertura em Função do Sexo dos Participantes

		A1	A2	A3	ABERTURA
Homens	Válidos	618	617	621	618
	Média	4,59	4,74	4,61	4,65
	Desvio Padrão	1,04	1,05	1,02	0,75
Mulheres	Válidos	1350	1349	1358	1349
	Média	4,57	4,88	4,62	4,69
	Desvio Padrão	1,01	0,99	1,03	0,71

APÊNDICE

APÊNDICE 1: QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Código (respondido pelo pesquisador): _____.

Gênero: Feminino Masculino Outro: _____.

Idade (anos e meses): _____.

UF: _____. Cidade: _____.

Escolaridade:

Fundamental incompleto

Fundamental completo

Médio incompleto

Médio completo

Superior incompleto

Superior completo

Pós-graduação incompleta

Pós-graduação completa

Modalidade: _____. Categoria: _____.

Tempo de experiência/treinamento: _____.

Quantas vezes por semana você treina? ____ vezes.

Quantas horas por dia você treina? ____ horas.

Quantos jogos/provas disputou nos últimos 12 meses: _____.

Quais foram os motivos que te levaram à prática esportiva?

Quais foram os campeonatos mais importantes que você já disputou em sua carreira?

APÊNDICE 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ATLETA)

Você está sendo convidado a participar do estudo de “Investigação dos traços de personalidade em judocas brasileiros federados”, realizado pelo Laboratório de Psicologia do Esporte (LAPES) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob coordenação do Prof. Dr. Franco Noce. O presente estudo tem como objetivo a investigação dos traços de personalidade predominantes em judocas brasileiros federados. Para tal, os instrumentos utilizados nesse estudo consistirão em: questionário sociodemográfico e a Bateria Fatorial de Personalidade, criada e validada por Nunes, Hutz e Nunes (2014).

Os principais benefícios do estudo consistem em contribuir para o aprimoramento do conhecimento científico no contexto esportivo, benéfico não só para você atleta, mas como recurso científico para psicólogos e profissionais da área, além de auxiliar no melhor manejo do mesmo pela comissão técnica com cada atleta, de acordo com o seu perfil, resultando possivelmente em um aprimoramento do treinamento diário através de intervenções. Você receberá via e-mail, caso seja do seu interesse, um breve relatório sobre seus resultados no questionário.

O procedimento terá uma duração de aproximadamente 40 minutos. Trata-se de um processo simples e por isso oferece risco mínimo aos voluntários. Você preencherá o questionário sociodemográfico e, após preenchido, será iniciada a aplicação da Bateria Fatorial de Personalidade. Você será orientado e supervisionado pelos pesquisadores durante todo o processo de coleta. A pesquisa será interrompida imediatamente caso sinta desconforto ao responder alguma questão. A coleta de dados será realizada em um local apropriado e você sempre será acompanhado por um dos pesquisadores envolvidos no estudo. No caso de algum sentimento de mal-estar, angústia, ao responder os instrumentos, você receberá a orientação dos pesquisadores para encaminhamento, de modo facultativo, ao serviço especializado de psicologia esportiva.

Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo e a sua identidade não será revelada publicamente em nenhuma hipótese. Somente o pesquisador responsável e equipe envolvida neste estudo terão acesso a estas informações que serão apenas para fins de pesquisa.

Como participante voluntário, você tem todo direito de recusar a sua

participação ou retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa sem penalidade alguma e sem prejuízo à sua pessoa.

Você não terá qualquer forma de remuneração financeira nem despesas relacionadas ao estudo.

Além disso, em qualquer momento da pesquisa, você terá total liberdade para esclarecer qualquer dúvida com o professor Dr. Franco Noce, pelo telefone (31) 3409-2331 e/ou e-mail: fnoce@hotmail.com. Caso você tenha dúvidas em relação aos procedimentos éticos do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG) situado na Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005, CEP 312570-901, Belo Horizonte/MG, pelo telefone/fax (31) 3409-4592.

Esse termo será assinado em duas vias, sendo uma para posse da pesquisadora responsável e outra para posse do participante voluntário.

Você gostaria de receber uma devolutiva individual do pesquisador sobre as informações fornecidas? Sim Não

Se sim, favor colocar e-mail para contato:

_____.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Voluntário

APÊNDICE 3: TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ATLETA)

Você está sendo convidado a participar do estudo de “Investigação dos traços de personalidade em judocas brasileiros federados”, realizado pelo Laboratório de Psicologia do Esporte (LAPES) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob coordenação do Prof. Dr. Franco Noce. O presente estudo tem como objetivo a investigação dos traços de personalidade predominantes em judocas brasileiros federados. Para tal, os instrumentos utilizados nesse estudo consistirão em: questionário sociodemográfico e a Bateria Fatorial de Personalidade, criada e validada por Nunes, Hutz e Nunes (2014).

Os principais benefícios do estudo são em ajudar a desenvolver o conhecimento científico no esporte, positivo não só para você atleta, mas para também psicólogos esportivos e profissionais da área, além de auxiliar a comissão técnica a se relacionar melhor com os atletas, sabendo como incentivar e ter o melhor desempenho possível deles durante os treinos e competição, de acordo com suas características de personalidade, resultando possivelmente em um melhor resultados nos treinamentos diários através de intervenções. Você e seu responsável receberão via e-mail, caso seja do seu interesse, um pequeno relatório sobre seus resultados no questionário.

O procedimento dura aproximadamente 40 minutos. Trata-se de um processo simples e por isso oferece risco mínimo aos voluntários. Você preencherá o questionário sociodemográfico, e após preenchido, será iniciada a aplicação da Bateria Fatorial de Personalidade. Você será orientado e supervisionado pelos pesquisadores durante todo o processo de coleta. A pesquisa será interrompida imediatamente caso sinta desconforto ao responder alguma questão. A coleta de dados será realizada em um local apropriado e você sempre será acompanhado por um dos pesquisadores envolvidos no estudo. No caso de algum sentimento de mal-estar, angústia, ao responder os instrumentos, você receberá a orientação dos pesquisadores para encaminhamento, de modo facultativo, ao serviço especializado de psicologia esportiva.

Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo e a sua identidade não será revelada publicamente em nenhuma hipótese. Somente o pesquisador responsável e equipe envolvida neste estudo terão acesso a estas informações que

serão apenas para fins de pesquisa.

Como participante voluntário, você tem todo direito de recusar a sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa sem penalidade alguma e sem prejuízo à sua pessoa.

Você não terá qualquer forma de remuneração financeira nem despesas relacionadas ao estudo.

Além disso, em qualquer momento da pesquisa, você terá total liberdade para esclarecer qualquer dúvida com o professor Dr. Franco Noce, pelo telefone (31) 3409-2331 e/ou e-mail: fnoce@hotmail.com. Caso você tenha dúvidas em relação aos procedimentos éticos do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG) situado na Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005, CEP 312570-901, Belo Horizonte/MG, pelo telefone/fax (31) 3409-4592.

Esse termo será assinado em duas vias, sendo uma para posse da pesquisadora responsável e outra para posse do participante voluntário.

Você gostaria de receber uma devolutiva individual do pesquisador sobre as informações fornecidas? Sim Não

Se sim, favor colocar e-mail para contato:

_____.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Voluntário

APÊNDICE 4: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RESPONSÁVEL)

O/A atleta sob sua responsabilidade está sendo convidado a participar do estudo de “Investigação dos traços de personalidade em judocas brasileiros federados”, realizado pelo Laboratório de Psicologia do Esporte (LAPES) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob coordenação do Prof. Dr. Franco Noce. O presente estudo tem como objetivo a investigação dos traços de personalidade predominantes em judocas brasileiros federados. Para tal, os instrumentos utilizados nesse estudo consistirão em: questionário sociodemográfico e a Bateria Fatorial de Personalidade, criada e validada por Nunes, Hutz e Nunes (2014).

Os principais benefícios do estudo consistem em contribuir para ao aprimoramento do conhecimento científico no contexto esportivo, benéfico não só para o/a atleta, mas como recurso científico para psicólogos e profissionais da área, além de auxiliar no melhor manejo do mesmo pela comissão técnica com cada atleta, de acordo com o seu perfil, resultando possivelmente em um aprimoramento do treinamento diário através de intervenções. Você e o/a atleta voluntário (a) receberão via e-mail, caso seja interessante para vocês, um breve relatório sobre seus resultados no questionário.

O procedimento terá uma duração de aproximadamente 40 minutos. Trata-se de um processo simples e por isso oferece risco mínimo aos voluntários. O/A atleta preencherá o questionário sociodemográfico, e após preenchido, será iniciada a aplicação da Bateria Fatorial de Personalidade. Será orientado (a) e supervisionado (a) pelos pesquisadores durante todo o processo de coleta. A pesquisa será interrompida imediatamente caso o/a judoca sinta desconforto ao responder alguma questão. A coleta de dados será realizada em um local apropriado e o/a atleta sempre será acompanhado (a) por um dos pesquisadores envolvidos no estudo. No caso de algum sentimento de mal-estar, angústia, ao responder os instrumentos, ele/ela receberá a orientação dos pesquisadores para encaminhamento, de modo facultativo, ao serviço especializado de psicologia esportiva.

Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo e a identidade do(a) atleta não será revelada publicamente em nenhuma hipótese. Somente o

pesquisador responsável e equipe envolvida neste estudo terão acesso a estas informações que serão apenas para fins de pesquisa.

Como participante voluntário, ele/ela tem todo direito de recusar a sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa sem penalidade alguma e sem prejuízo à sua pessoa.

O/A voluntário(a) não terá qualquer forma de remuneração financeira nem despesas relacionadas ao estudo.

Além disso, em qualquer momento da pesquisa, você terá total liberdade para esclarecer qualquer dúvida com o professor Dr. Franco Noce, pelo telefone (31) 3409-2331 e/ou e-mail: fnoce@hotmail.com. Caso você tenha dúvidas em relação aos procedimentos éticos do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG) situado na Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005, CEP 312570-901, Belo Horizonte/MG, pelo telefone/fax (31) 3409-4592.

Esse termo será assinado em duas vias, sendo uma para posse da pesquisadora responsável e outra para posse do participante voluntário.

Você gostaria de receber uma devolutiva individual do pesquisador sobre as informações fornecidas? Sim Não

Se sim, favor colocar e-mail para contato:

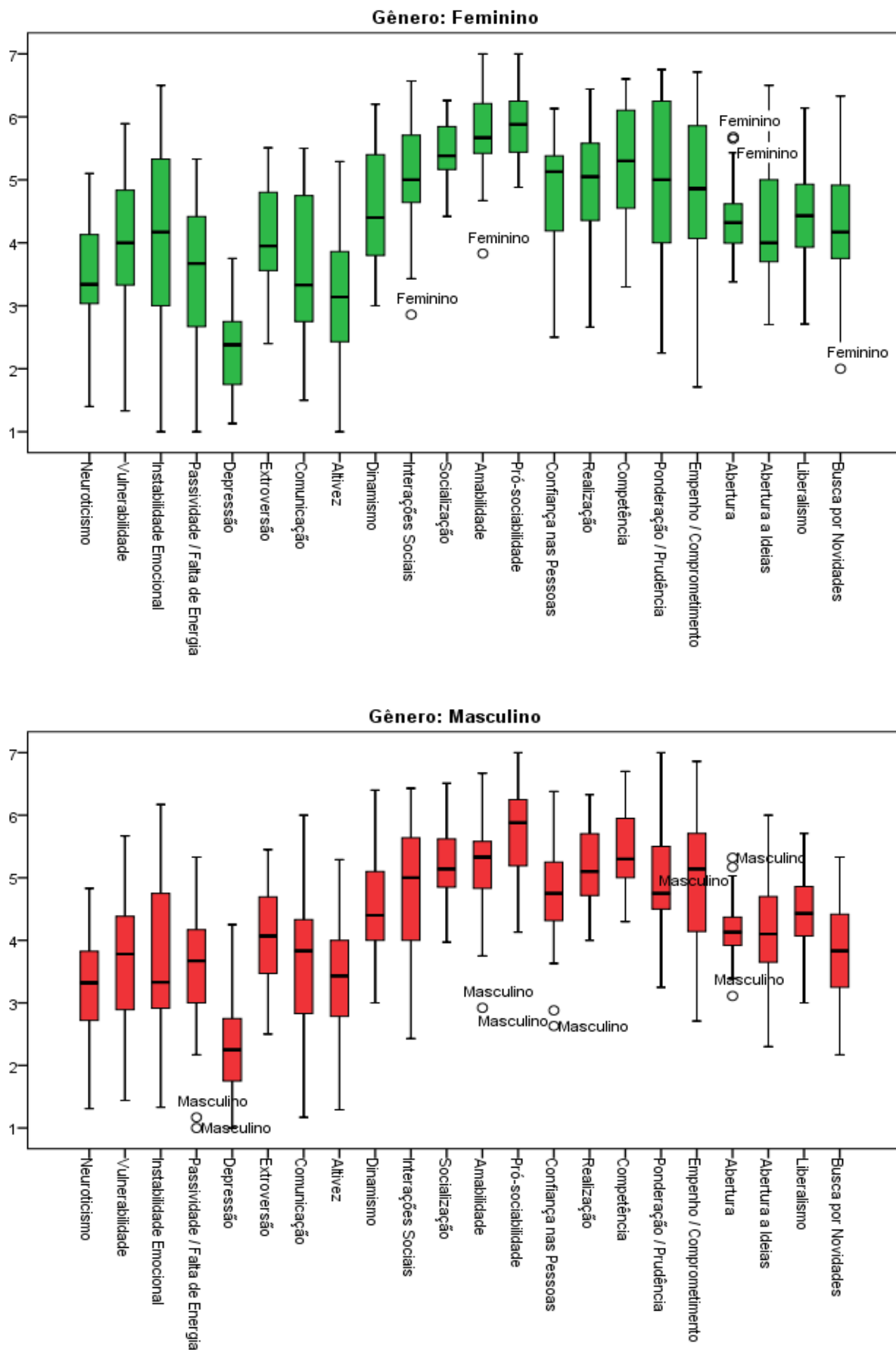
_____.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Voluntário

APÊNDICE 5: BOX PLOTS DAS AMOSTRAS, DIVIDIDOS POR GÊNERO



APÊNDICE 6: VALORES DE CURTOSE E ASSIMETRIA

Faceta	Feminino	Assimetria	Curtose	Masculino	Curtose	Assimetria
Neuroticismo	3,45 ± 0,87	-0,262 ± 0,421	-0,111 ± 0,821	3,28 ± 0,79	-0,161 ± 0,378	-0,109 ± 0,741
Vulnerabilidade	3,98 ± 1,10	-0,384 ± 0,421	-0,045 ± 0,821	3,60 ± 1,01	0,142 ± 0,378	-0,250 ± 0,741
Instabilidade Emocional	4,07 ± 1,46	-0,164 ± 0,421	-0,611 ± 0,821	3,65 ± 1,36	-0,078 ± 0,378	-0,868 ± 0,741
Passividade / Falta de Energia	3,45 ± 1,21	-0,451 ± 0,421	-0,670 ± 0,821	3,25 ± 0,94	-0,697 ± 0,378	0,865 ± 0,741
Depressão	2,31 ± 0,70	0,231 ± 0,421	-0,663 ± 0,821	2,34 ± 0,77	0,547 ± 0,378	-0,162 ± 0,741
Extroversão	4,08 ± 0,77	0,007 ± 0,421	-0,582 ± 0,821	4,07 ± 0,77	-0,178 ± 0,378	-0,885 ± 0,741
Comunicação	3,56 ± 1,20	-0,025 ± 0,421	-1,099 ± 0,821	3,54 ± 1,20	-0,360 ± 0,378	-0,609 ± 0,741
Altivez	3,19 ± 1,00	-0,057 ± 0,421	-0,494 ± 0,821	3,39 ± 0,95	-0,130 ± 0,378	-0,390 ± 0,741
Dinamismo	4,54 ± 0,96	0,197 ± 0,421	-1,119 ± 0,821	4,57 ± 0,83	0,364 ± 0,378	-0,229 ± 0,741
Interações Sociais	5,03 ± 0,92	-0,541 ± 0,421	-0,239 ± 0,821	4,78 ± 1,07	-0,478 ± 0,378	-0,688 ± 0,741
Socialização	5,45 ± 0,49	-0,153 ± 0,421	-0,709 ± 0,821	5,20 ± 0,54	0,035 ± 0,378	0,135 ± 0,741
Amabilidade	5,74 ± 0,69	-0,537 ± 0,421	0,789 ± 0,821	5,23 ± 0,75	-0,695 ± 0,378	1,410 ± 0,741
Pró-sociabilidade	5,86 ± 0,57	-0,074 ± 0,421	-0,832 ± 0,821	5,67 ± 0,75	-0,249 ± 0,378	-0,745 ± 0,741
Confiança nas Pessoas	4,76 ± 0,96	-0,712 ± 0,421	-0,212 ± 0,821	4,71 ± 0,83	-0,419 ± 0,378	0,189 ± 0,741
Realização	4,99 ± 0,95	-0,376 ± 0,421	-0,289 ± 0,821	5,16 ± 0,58	0,126 ± 0,378	-0,870 ± 0,741
Competência	5,26 ± 0,96	-0,368 ± 0,421	-0,766 ± 0,821	5,43 ± 0,64	0,314 ± 0,378	-0,799 ± 0,741
Ponderação / Prudência	4,97 ± 1,26	-0,267 ± 0,421	-0,939 ± 0,821	5,08 ± 0,87	0,492 ± 0,378	-0,063 ± 0,741
Empenho / Comprometimento	4,74 ± 1,27	-0,392 ± 0,421	-0,242 ± 0,821	4,99 ± 0,94	-0,255 ± 0,378	-0,452 ± 0,741
Abertura	4,35 ± 0,56	0,780 ± 0,421	0,625 ± 0,821	4,16 ± 0,44	0,421 ± 0,378	1,331 ± 0,741
Abertura a Ideias	4,32 ± 0,96	0,250 ± 0,421	-0,586 ± 0,821	4,19 ± 0,74	-0,030 ± 0,378	0,251 ± 0,741
Liberalismo	4,46 ± 0,81	0,150 ± 0,421	-0,005 ± 0,821	4,45 ± 0,65	-0,157 ± 0,378	-0,376 ± 0,741
Busca por Novidades	4,28 ± 0,95	-0,161 ± 0,421	0,503 ± 0,821	3,84 ± 0,88	-0,107 ± 0,378	-0,686 ± 0,741